



Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LUÍSA MAHIN ARAÚJO LIMA DO NASCIMENTO

NO DIA DA FESTA DELE...
CULTO DOMÉSTICO A COSME E DAMIÃO EM CACHOEIRA /
BAHIA

Cachoeira / Bahia

2016

LUÍSA MAHIN ARAÚJO LIMA DO NASCIMENTO

**NO DIA DA FESTA DELE...
CULTO DOMÉSTICO A COSME E DAMIÃO EM CACHOEIRA /
BAHIA**

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Xavier Gilles Vatin

Cachoeira / Bahia

2016

A Cosme, Damião, Ibejis, Crispim, Crispiniano, Crispina. Damiana, todos os encantados e erês que participam desta roda.

A João Vanderlei de Moraes Neto e Maria Flor do Nascimento Vanderlei de Moraes, minhas crianças. Para vocês todo o meu ser...

Às crianças do mundo e seus universos encantados.

AGRADECIMENTOS

O caminhar da pesquisa foi de significativas descobertas; de mudanças de paradigmas no modo de pensar, agir, sentir; de reinvenção de mim mesma e transformação na minha forma de apreender o mundo; de gestação, parto e maternidade.

Durante o percurso me encontrei prenha e depois parida. Trouxe ao mundo duas crias especiais: a Maria Flor, fruto de meu ventre e a pesquisa-dissertação, fruto de um desbravar que chega ao fim após intensa caminhada.

Esta é uma conquista coletiva, como não poderia deixar de ser. Moldada por muitas mãos, expectativas, incentivos, sentimentos intensos, impressões, agradeço a todas e todos que direta e indiretamente colaboraram com esta construção.

Em especial agradeço às pessoas que permitiram o meu acesso aos detalhes de seus cultos a Cosme e Damião em Cachoeira e/ou às suas memórias, tais: Seu Tito Francisco, conhecido como Seu Purrão; Dona Iraildes, conhecida como Dona Cleuza (esposa de Seu Tito); Dona Ivone; Urânia, Zezinho, Dona Mainha, Luiz Magno, Padre Roque, Dona Caçula, Luiz Cláudio Dias do Nascimento, Jomar Lima.

Também especial é minha gratidão ao professor Wilson Penteado. Agradeço pelo entusiasmo, incentivo, presença; por me iniciar de maneira envolvente e apaixonada nas discussões da teoria antropológica; pelo brilho nos olhos que iluminaram meus caminhos nos momentos cruciais da pesquisa.

Agradeço também à Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (FAPESB) pelo auxílio financeiro para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao professor- orientador Xavier Vatin pela confiança dispensada.

Aos meus filhotes, João de Moraes Neto e Maria Flor, pelas descobertas. Por vocês afloro as minhas forças e me faço guerreira.

Aos meus sonhos, possíveis e impossíveis, pelo combustível fundamental que me faz seguir caminhando.

Ao João de Moraes Filho, companheiro de vida, lida e cúmplice desta história.

À Anna Luísa Santos Oliveira, amiga minha e de Cosme e Damião. Com ela eles dialogam em sonhos, pedem coisas, conduzem os caminhos. Todo o meu respeito a esse vínculo de fé e vivacidade.

Aos colegas de curso pelas vivências enriquecedoras. Do convívio em aula aprendi a mandinga do jogo nos espaços acadêmicos.

Às minhas tias Luiza e Nilza [*in memoriam*], pela história construída e frutos cultivados, alguns dos quais colho hoje.

À minha mãe, Aidil Araújo Lima, pela coragem, utopias e lucidez.

Ao meu pai, Luiz Cláudio do Nascimento, pela inquietação investigadora.

RESUMO

O culto doméstico aos santos Cosme e Damião na cidade de Cachoeira, Recôncavo da Bahia, possui um caráter polissêmico, sendo uma manifestação marcada pela influência do catolicismo, do candomblé e da umbanda. Numa análise desta polissemia, com abordagem etnográfica, esta pesquisa se constitui de um trançado de memórias orais e traz a multiface da festa aos santos popularmente reconhecidos como gêmeos. Parte da hipótese que o culto tem se perpetuado sobretudo para manter viva uma prática dos antepassados, sendo esta uma herança que os descendentes têm se dedicado ao compromisso de mantê-la, dando-lhe sentidos que renovam a fé a cada geração. Em dadas situações o indivíduo se vê na condição de iniciar a devoção a partir de uma necessidade que o motiva a fazer uma promessa e (re)constroem ou (re)inventam seu culto a partir de lembranças ou saberes de seus pais, avós, vizinho, representante religioso. De memórias e reinvenções, portanto, velhos hábitos se mantêm e tecem novas formas de saberes e fazeres que alimentam a fé, reafirmando-a viva e dinâmica. Manifestação plural, há uma heterogeneidade de revelação do Cosme e Damião, que por vezes é católico, de reza e vela; noutras católico que come caruru (neste o santo católico come caruru); o que a devota despacha a comida antes na rua para os “escravos”, “pagãos” ou erês para depois oferecer aos santos e às crianças sob rezas católicas; em certa situação é da umbanda e partilha o culto com os Crispins, Crispinianos e outras entidades “crianças”; dentre outros. Eis, portanto, um culto diverso, carregado de muitos signos e sentidos, ora partilhados, ora contraditórios. Como um rizoma, numa clara relação com o princípio da conexão e heterogeneidade de Deleuze e Guattari (1995), onde “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro”, as práticas individuais se interconectam dentro da diversidade. Compreender tal manifestação implica entender o contexto em que a mesma está tecida e para tal o trabalho se inicia com um capítulo que reflete a cidade de Cachoeira. Em um percurso pela Cachoeira afro e barroca, neste ponto da dissertação o leitor adentra a cidade mística e pluricultural, onde o catolicismo negro teve grande reverberação e propiciou cultos tão miscigenados culturalmente como o de Cosme e Damião. Após adentrar a cidade, passa-se no capítulo dois para os lares, onde são explorados os cultos domésticos em sua diversidade e polissemia. Dividido em duas três partes, “São Cosme mandou fazer”, “Ajuda eu São Cosme” e “Na encruzilhada do sagrado”, discorro sobre as devoções por herança familiar e/ou por alguma motivação social, onde os devotos são obrigados a fazer o culto por uma coerção que está acima de seu desejo pessoal; sobre as devoções por promessas, trazendo à luz experiências da dádiva, assentadas no ato do dar, receber e retribuir e narrativas que borram as fronteiras entre o catolicismo – candomblé – umbanda - Europa – África – Brasil. Passada a cidade e adentrado os lares, chego no capítulo três no caruru e na ritualística que envolve o fazer, a oferenda, o comer, o banquete coletivo. A etnografia desse trabalho se pauta especialmente na festa dos Cosmes. Aqui se apresenta um recorte, um olhar, uma perspectiva do culto e da festa deles na cidade de Cachoeira.

Palavras-chave: Cosme e Damião; Ibejis; Santos gêmeos; Culto doméstico; Cultura popular; Catolicismo popular; Devoção.

ABSTRACT

Key-words:

LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Foto 02** Roda de caruru com as 7 crianças.
- Foto 03** Escultura em madeira dos Ibejis.
- Foto 04** Cosme e Damião.
- Foto 05** Caruru a Cosme e Damião.
- Foto 06** Afro-barroco.
- Foto 07** Afro-barroco.
- Foto 08** Afro-barroco.
- Foto 09** Afro-barroco.
- Foto 10** Afro-barroco.
- Foto 11** Afro-barroco.
- Foto 12** Altar doméstico de Cosme e Damião.
- Foto 13** Seu Tito e vizinhas em trabalho coletivo no corte dos quiabos para o caruru.
- Foto 14** Dona Ivone.
- Foto 15** Roda de caruru das 7 crianças em Dona Caçula.
- Foto 16** Oferenda da família de Urânia e Zezinho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 Pintura “Todas as mãos” de Suzart.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Mitologia e hagiografia dos santos gêmeos nas preliminares do encontro.....	16
As tramas do culto	19
A construção do objeto e a metodologia.....	24
Pontos da dissertação	29
CAPÍTULO 1 – ENTRE O AFRO E O BARROCO: CACHOEIRA DE ENCANTOS, SAGRADOS E MAGIA	30
1.1. Perspectiva histórica.....	35
1.2. E segue como um filme de época.....	37
1.3. Os enredos mágicos.....	38
CAPÍTULO 2 – CULTO DOMÉSTICO DE “DOIS-DOIS”: VOZES DE FÉ E DEVOÇÃO	39
2.1. SÃO COSME MANDOU FAZER.....	43
2.1.1. De reza, samba e caruru.....	45
2.1.2. Neto de São Roque. Filho de Santa Bárbara e Senhor Ogum.....	51
2.1.3. Uma festa para os erês.....	51
2.2. AJUDA EU SÃO COSME.....	55
2.2.1. Pagãos, santos e crianças.....	56
2.2.2. Vela acesa por toda a vida.....	61
2.3. NA ENCRUZILHADA DO SAGRADO.....	64
2.3.1. Da porta da igreja para a rua o caruru acontece.....	66

2.3.2. Cosme e Damião foram em África.....	68
CAPÍTULO 3 – NO DIA DA FESTA DELE SÃO COSME QUER CARURU.....	72
3.1. TUDO ESTÁ CHEIO DE DEUSES.....	73
3.2. DEUS MORA NO DETALHE.....	74
3.2.1. A Comida da rua.....	74
3.2.2. A comida do altar.....	74
3.2.3. A comida da roda.....	74
3.2.4. A comida coletiva.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	80
ANEXO I - RESUMO HISTÓRICO À DEVOÇÃO OFICIAL A COSME E DAMIÃO EM CACHOEIRA BAHIA.....	86
ANEXO II - Benditos e cantos de São Cosme e São Damião.....	91

INTRODUÇÃO

Há um contar de si em cada escolha.

(João Cabral de Melo Neto)

Festa de Cosme e Damião tem cheiro de flores de angélica, incenso de mirra e benjoim, de caruru. Tem cara de gente feliz, reunida, em fé, cantando, sambando, agradecendo pelas graças alcançadas. Tem som de crianças eufóricas, brincando, correndo pelos corredores das casas, congregadas em torno de uma bacia para comer, juntas, com muitas mãos, sob cantorias, palmas e rezas, a comida no ritual de oferenda aos santos gêmeos.

As memórias da infância, entre as décadas de 1980 - 1990, trazem muitas lembranças das tantas festas e da grande mobilização pública para o culto aos gêmeos. Cachoeira¹, como nas cidades vizinhas, vivia um momento de muita fé e devoção. Setembro era mês de abrir as portas da casa e receber a todos que quisessem para partilhar as alegrias das bênçãos recebidas, de oferecer caruru, de rezar para Cosme e Damião, das crianças ganharem muitos brinquedos e doces pelos devotos que pagavam suas promessas.

A celebração envolvia muitas pessoas e geralmente começava no dia anterior. Num rito coletivo, a família e vizinhança se reunia para cortar os quiabos, fazer a comida, organizar a casa. Comida pronta, o culto era secreto e poucos tinham acesso. Só depois que a comida dos santos era colocada ao seu pé², no altar especialmente ornamentado, que o público podia ir chegando. Na maioria das vezes a festa começava no fim da tarde, por volta das 17h, e ia até altas madrugada. Depois do santo quem comia eram as crianças.

Espaço concorrido na época, sete crianças eram selecionadas para rodear uma bacia sobre um pano branco que tinha caruru, vatapá, xinxim de galinha, farofa de azeite, farofa de mel, farofa de água, arroz branco, feijão fradinho, feijão preto, ovo cozido, rolete de cana, rapadura, milho branco, milho amarelo, banana da terra frita, inhame, dentre outras iguarias. Incensada a roda, iniciava-se as cantigas aos santos.

¹ Cachoeira é uma cidade localizada no Recôncavo da Bahia, à margem esquerda do Rio Paraguaçu, distante 110 Km de Salvador, capital do Estado. Esta cidade remonta ao período colonial do Brasil, tendo abrigado em suas terras imponentes engenhos de cana-de-açúcar e construções arquitetônicas de influência barroca. A imponência do seu casario barroco, das suas igrejas e museus levou a cidade a alcançar o status de "Cidade Monumento Nacional" e de "Cidade Heroica" pela participação decisiva nas lutas pela independência da Bahia e do Brasil. A significativa presença de africanos, indígenas e europeus de variadas etnias e nacionalidades em Cachoeira durante o período escravista foi um dos fatores que originou a riqueza e diversidade da cultura no território. Essa interação encontra-se presente no sincretismo religioso, com forte presença da cultura afro-brasileira e das manifestações do catolicismo. Uma abordagem sobre a cultura da cidade encontra-se melhor explorada no capítulo 1 desta dissertação.

² Expressão utilizada para designar que a oferenda foi colocada diante da imagem do santo no altar.

Após três músicas as crianças começavam, juntas, a comer a comida da bacia, de mãos. As cantigas continuavam enquanto elas comiam. Após a comilança, todas limpavam as mãos e a boca no pano branco que estava sob a bacia e neste mesmo pano esta era enrolada e levada embora pelo responsável da festa.



Foto 02: Roda de caruru com as 7 crianças. Crédito: Instituto Mauá.

Depois da roda era oferecida a comida para as outras crianças que ficaram de fora e ao público em geral. Durante toda a noite era uma imensa fartura, muita gente circulando pela casa, sambas e bebidas. Era um momento de socialização, de apelos políticos, de encontrar amigos, de “fazer uma fezinha”, de ganhar a imagem do santo.

Ir à festa de Cosme e Damião era garantia de encontrar muita gente, oportunidade dos políticos se apresentarem socialmente e ampliar a sua rede de contatos e simpatia pública. Havia também os políticos que se utilizavam do pretexto da popularidade da festa para também fazerem as suas, sendo estas muito mais motivadas por interesses de socialização do que de fé especificamente; mas mesmo assim o povo ia, em grande número. Dar caruru de porta aberta, sem precisar de convite para sentir-se convidado, era sinônimo de que ia “dar gente”, muita gente, gente de fé, que queria comer a comida ou apenas beber, dançar e encontrar amigos.

A fé durante a festa era (e é) um sentimento partilhado, de força e sentido especial para quem fazia e para quem participava. Com reverência e gratidão por

alguma graça alcançada, o devoto presenteava os santos com a comida e a celebração; como quem come uma hóstia³ ou recebe um axé⁴, as pessoas que participavam do evento se integravam numa aura peculiar, fazendo do momento um estado de oração e alegrias. O dono da festa agradecia e o convidado pedia, reverenciava, se alimentava espiritualmente.

Além da fé partilhada, alguns anfitriões davam (e ainda há quem dê) uma imagem dos santos gêmeos como lembrança dos festejos do ano. Assim, além do momento, o participante levava consigo “o santo” para que o guardasse e o protegesse, multiplicando a legião de devotos e zeladores do Cosme e Damião. Havia os que presenteavam com imagens grandes, outros com imagens bem pequenas, mas o presente era garantido. Quando não se dava a imagem, dava o “santinho”, que se caracteriza por impressos com a imagem do santo e sua respectiva oração, muito utilizada como meio de pagar promessas.

No caruru eram, e ainda é para quem faz, colocados sete quiabos inteiros e quem os tivesse em seu prato ficava com a obrigação de perpetuar, se já o fizesse, ou iniciar o caruru a Cosme e Damião dali em diante. Ter o quiabo inteiro no prato significava, portanto, sinal que Cosme e Damião queria fazer parte da vida daquela pessoa ou que estava lhe cobrando algo, haveria entre eles alguma dívida não cumprida.

Essas lembranças de um tempo vivido pareciam uma pintura nítida desenhada com traços definidos até o dia que, na busca da retratação de um cenário característico que remetesse às sinestésias peculiares do viver a festa de Cosme e Damião, uma amiga sonhou com tais santos. Eles mandavam me dizer que “a manifestação e o culto não eram daquela maneira e que eu precisava estudar para fazer a coisa direito”.

A experiência onírica direcionou meus caminhos para uma busca sistemática do estudo aos santos gêmeos no Recôncavo da Bahia⁵. De um olhar superficial e fragmentado, os passos foram orientados para a compreensão da manifestação para além

³ Pequena rodela muito fina, feita de pão ázimo, que é consagrada durante a missa e oferecida aos fiéis na comunhão. Simboliza o corpo de Cristo no rito eucarístico da igreja católica.

⁴ Força sagrada de cada orixá, que se revigora, no candomblé, com as oferendas dos fiéis e os sacrifícios rituais.

⁵ O Recôncavo baiano é a região geográfica localizada em torno da Baía de Todos os Santos, abrangendo não só o litoral, mas também toda a região do interior circundante à Baía. Geograficamente, o Recôncavo inclui a Região Metropolitana de Salvador, onde está a capital do estado da Bahia, Salvador e outras cidades circundantes à Baía de Todos os Santos, entre elas as de maior representatividade histórica e econômica são: Santo Antônio de Jesus, Candeias, São Francisco do Conde, Madre de Deus, Santo Amaro, Cachoeira, São Félix, Maragojipe e Cruz das Almas.

do aparente, numa perspectiva aprofundada, vislumbrando o contexto. Desbravar aquilo que o olho vê, mas não enxerga se tornou o desafio inicial.

O projeto a princípio desenhava um universo cuja etnografia seria desenvolvida em uma manifestação que possuía um ritual específico, com relação subjacente e velada entre catolicismo e candomblé. No caminhar me deparei com um culto plural, carregado de muitos signos e sentidos, ora partilhados, ora contraditórios. Tudo o que acreditava, costurado pelas memórias da infância, de uma pintura nítida se tornou um rizoma, numa clara relação com o princípio de conexão e heterogeneidade de Deleuze e Guattari (1995), onde “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro”.

O culto que conhecia era uma vertente, talvez mais evidente, de uma gama de formas de fazer. Se descortinou aos meus olhos uma realidade complexa, de muitos Cosmes, Damiões, Ibejis⁶ e outros encantados⁷ reverenciados neste ritual de caruru e crianças. Por muitos momentos me questionei quem seria o Cosme e Damião; quem seria essa entidade híbrida de tantos devotos, que carrega tantas responsabilidades e que, por outro lado, parece não ser nada além de uma “criação” sustentada pela fé?

Para cada experiência que vivenciei no campo me deparei com uma manifestação diferente: por vezes Cosme e Damião católico, de reza e vela; noutras católico que comia caruru (neste o santo católico comia caruru); houve o que a devota despachava⁸ antes na rua para os “escravos”, por vezes chamado de “pagãos”, para depois oferecer aos santos e às crianças sob rezas católicas; em certa situação era da umbanda e partilhava o culto com os Crispins, Crispinianos e outras entidades “crianças”; teve aquele que não comia mais caruru, não ganhava doces e brinquedos, mas tinha a sua “luz” acesa por toda a vida, tendo sua devota, após ter realizado seu caruru por sete anos consecutivos, se comprometido a nunca deixar a sua vela se apagar, substituindo-a sempre que esta se finda (sendo esta uma vela de sete dias).

O que parecia uniforme se apresentou multifacetado. Não há o Cosme e Damião. Não há os Ibejis. Não há o ritual do caruru sob regras e preceitos determinados para o

⁶ Os Ibejis na mítica africana são entidades ligadas ao nascimento, à morte, à fortuna e infortúnio, inclusive às doenças. São protetoras das crianças, especialmente gêmeas, e das grávidas sendo em África bastante reverenciada em contexto iorubá.

⁷ Para a religião da umbanda, xamã e cultos indígenas os encantados são antepassados que enquanto estavam vivos se transformaram e se tornaram parte da natureza, sem terem morrido antes. Muitos, inclusive, estão associados a algum elemento natural. No culto aos gêmeos os encantados são representados pelos erês, caboclinhos das matas e outras entidades crianças.

⁸ Pagamento antecipado do favor que se espera de Exu, que levará o recado a determinado orixá. No caso do despacho aos pagãos e/ou escravos de Cosme e Damião, esses comem a comida do santo, a ver: caruru, farofa de azeite, arroz branco, dentre outras iguarias que compõem a comida do santo.

culto aos gêmeos. As manifestações são diversas, o culto um emaranhado de muitas influências, o ritual se reinventa e se remodela de múltiplas formas para adequar-se à realidade de cada contexto, de cada devoto. Tudo se move por uma fé viva acompanhada pelo que se apresentaram elementos fundamentais: o caruru e as crianças.

O caruru no culto a Cosme e Damião participa numa presença de grande importância. Com graus variados de compreensão do seu sentido e relação no rito por quem o oferece, há uma concordância partilhada que festa de Cosme e Damião tem que ter a comida. Nas celebrações da Igreja Católica Brasileira de Cachoeira, relata o Padre Roque, responsável pela paróquia, não há a oferenda da iguaria, mas todos os anos os juízes e/ou a comunidade se dedicam a finalizar a festa com a mesma, numa celebração comunitária. O caruru não faz parte da igreja, mas faz parte das pessoas que a integra, afinal, *“no dia da festa dele, São Cosme quer caruru”*, conforme entoada uma de suas cantigas da sabedoria popular.

As crianças participam como que numa personificação dos santos gêmeos. O imaginário coletivo consente que *“São Cosme é menino”*. *“São Cosme e São Damião são crianças sabidas, que tanto dá quanto toma”*, diz Dona Ivone, uma devota entrevistada. O antropólogo Wilson Caetano Sousa Júnior (2003, p. 122) afirma que Cosme e Damião ao longo do tempo perderam o significado dado pela hagiografia católica, de dois médicos, e passaram a ser representados através de dois meninos, alusão à Ibeji, ancestrais africanos, que protegem as crianças, particularmente as gêmeas.

Diante da diversidade do fenômeno, o projeto que inicialmente almejava o Recôncavo da Bahia como universo empírico se afunilou para a cidade de Cachoeira. Em Cachoeira me detive à vivência de cinco experiências peculiares, as quais ilustram a riqueza da expressão nos cultos católico, do candomblé e da umbanda. Além das vivências, entrevistei pessoas guardiãs de memórias do culto, tenham sido como devotas e/ou parentes de realizadores do culto.

Sem pretensão de esgotamento do assunto e ciente que o que está posto é apenas uma centelha de um universo extraordinário, este trabalho é fruto do me permitir sensibilidade, emoção, razão; do experimentar sair da cena para ver de longe e enxergar de perto; de um trabalho artesanal, tecido de memórias, descobertas, observações, participações, construções, desconstruções, idas e vindas, disciplina, continuidades.

Mitologia e hagiografia dos santos gêmeos nas preliminares do encontro

A festa aos gêmeos no contexto baiano está diretamente ligada à presença dos Ibejis, divindades africanas, e dos santos católicos Cosme e Damião. Conhecê-los em suas mitologias e hagiografias, respectivamente, se faz necessário para uma melhor compreensão simbólica do culto. Destarte, abaixo segue uma breve apresentação destes personagens, com concentração da informação nos pontos que elucidam o rito e revelam as influências culturais de alguns de seus atos.

Segundo a mitologia⁹ iorubá, a divindade Iansã teve com Xangô dois filhos gêmeos, os Ibejis. Seus filhos cresciam bem até que um dia uma doença se propagou por seu reino, Oyó, matando as crianças do lugar. Um dos gêmeos de Iansã e Xangô foi afetado pela doença chegando à morte. Sua mãe, desolada e não satisfeita, pediu a Olorum (Deus superior) e aos demais orixás a vida de seu filho. Com fé e certeza que seria atendida, Iansã viveu seus dias cuidando da escultura em madeira produzida para representar a sua criança morta e pedindo aos deuses pelo aceite ao seu pedido.



Foto 03: Escultura em madeira dos Ibejis.

⁹ Existem outras mitologias que narram a história dos Ibejis, mas esta se apresenta mais contundente a explicar a relação do culto aos Ibejis com a oferenda do caruru nas celebrações brasileiras. Em outras mitologias eles são apresentados por vezes como filhos de Oxum, noutras como de Iemanjá.

Certo dia, convencidas da fé de Iansã, as divindades resolveram acatar ao seu pedido e devolveram a vida ao seu gêmeo. Em comemoração todo o reino de Oyó fez uma grande festa e Iansã ofereceu uma comida que agradava a todos os orixás, sendo, portanto, uma oferenda que contempla os deuses do panteão africano (SANTOS, 2011).

Os Ibejis na mítica africana são entidades ligadas ao nascimento, à morte, à fortuna e infortúnio, inclusive às doenças. São protetoras das crianças, especialmente gêmeas, sendo em África bastante reverenciada em contexto iorubá.

Vivaldo da Costa Lima (2005) é quem aqui fundamenta sobre os gêmeos e Ibejis em África. Segundo o autor, “as mulheres de cultura iorubá/nagô se submetem a uma obrigação quando há gêmeos na família”, especificamente quando os mesmos nascem.

É sempre o babalaô, o sacerdote de Ifá-Orumilá, a divindade da adivinhação e do destino, quem prescreve, depois de consultar Ifá, no caso, geralmente por meio dos búzios, do dilogum, as abrigações devidas ao orixá *Ibeji*, responsável pelo nascimento dos gêmeos entre os nagôs (LIMA, 2005, pg. 21).

Para este,

Na maioria das sociedades africanas os nomes são dados de acordo com certos modelos culturais e, entre outros, de acordo com as circunstâncias fisiológicas do parto. Entre os nagôs essa circunstância é chamada de “*amutorunwa*”, que significa “a criança traz o nome quando nasce”. Daí os gêmeos serem chamados, entre os iorubás, independente do sexo, de “*Taiuô*”, que significa “o que provou o mundo”, “o que sentiu primeiro o gosto do mundo”; o segundo dos gêmeos é chamado de “*Kehinde*” (Queindê), “o que vem atrás”. A criança que nasce logo após um parto de gêmeos é chamada, sempre, de “*Idowu*”. Essas crianças são tidas como traquinas e teimosas, daí a expressão corrente entre os nagôs *Exu Iehin Ibeji* (Exu vem depois de Ibeji) (2005, pg. 26).

Esse terceiro personagem goza de certas regalias, associadas sempre à sua personalidade mítica. Por isso, quando se faz qualquer obrigação para os Ibejis, seus irmãos, o mesmo deve ser feito para ele, que deve, além disso, receber, sempre, as primícias do sacrifício e das oferendas votivas (2005, pg. 27).

Sobre a morte de um gêmeo ele relata que:

Quando morre um gêmeo entre os iorubás, na infância, antes da puberdade, a família manda fazer, pelo artesão da comunidade, uma estatueta que substituirá o gêmeo morto simbolicamente, estatueta que, dali por diante, será zelada, alimentada e vestida pela mãe, a *iábeji*, e guardada, geralmente, nos aposentos do pai. Se morrerem ambos os gêmeos serão feitas duas imagens. E essas imagens encomendadas representam, sempre, de maneira mais ou menos

estilizada, os atributos sexuais dos gêmeos ou do gêmeo. (LIMA, 2005, pg, 42).

A comida do Ibeji...

Entre os nagôs, a comida principal dos gêmeos é o *ekuru*¹⁰, comida muito conhecida também nos candomblés da Bahia. Os gêmeos, vivos ou em efígies, são alimentados [em determinados períodos] com *ecuru*. Depois de alimentados os gêmeos, ou suas imagens, o *ecuru* é distribuído por todas as demais crianças da casa e da vizinhança. Vemos aí, mais um vínculo estrutural e simbólico com o nosso *caruru* de São Cosme (2005, pg. 45).

Nos candomblés que fazem obrigação para Ibeji ele come de tudo, mas como as pessoas e os outros santos, ele tem suas comidas preferidas: banana frita no azeite de dendê; amendoim torrado e cozido; feijão fradinho cozido (com camarão, azeite, sal e cebola) com batata doce e banana da terra; pipoca; abóbora cozida com azeite; acarajé; abará-acaçá; batata doce com sal; *caruru* com fubá de castanha e amendoim; *ecuru* com mel; *ebô* com mel; arroz (2005, pg. 48).

Por outro lado, a hagiografia dos santos católicos Cosme e Damião conta que eles eram médicos, missionários e irmãos gêmeos¹¹, nascidos na Arábia, martirizados na Ásia Menor, Cilícia em 27 de setembro por volta 287 d. C por perseguição movida pelo imperador Diocleciano¹², que odiava cristãos. Quando foram aprisionados, os médicos foram acusados de feitiçaria, de que eram inimigos das divindades pagãs e de exercer medicina gratuitamente, culminando com as suas decapitações.

Em 530 d.C o imperador Justiniano, já devoto dos gêmeos, se curou de uma grave enfermidade e creditou sua cura à intervenção de Cosme e Damião, dando por isso ordens para que se construísse em Constantinopla uma grandiosa igreja em honra dos seus então santos protetores. Somado a isso a fama dos dois correu rápida no Ocidente a partir de Roma com a basílica dedicada a eles, construída a pedido do papa Félix IV entre 526 e 530 d.C. Tal solenidade ocorreu num dia 26 de setembro e assim eles passaram a ser festejados nesta data para a igreja católica.

¹⁰ Preparado com feijão fradinho, como se faz com o acarajé, coloca-se pequena quantidade em folha de bananeira à maneira do acaçá, cozinha-se em banho-maria, isto é, sobre gravetos colocados no interior de uma panela com água. Depois de pronta, a massa é diluída em mel de abelhas ou num pouco de azeite de cheiro com sal (LIMA, 2005, pg. 46).

¹¹ Há controvérsias nos registros de suas histórias se eles de fato eram gêmeos ou de idade muito próxima. Mas predomina a informação que eram gêmeos, sendo esta a posição adotada aqui.

¹² Imperador romano entre 284 a 305 d.C.



Foto 04: Cosme e Damião. Crédito: Igreja Cosme e Damião de Cachoeira.

Conforme De Varazze (2003) eles não recebiam pagamento pelos seus serviços, sempre gratuitos, daí serem chamados de médicos anárgiros. Acreditava-se que Cosme e Damião falavam com Jesus Cristo e ao mesmo tempo realizavam curas de formas extraordinárias, sendo que esse poder era emanado de Jesus Cristo que por eles se manifestava. Como santos são invocados como protetores contra as doenças do corpo e da alma.

As tramas do culto

O culto a Cosme e Damião na Bahia é um momento singular da cultura local. Caracterizado em seu processo histórico pela presença de reza, comida, samba e devoção, esta manifestação religiosa e popular é celebrada anualmente em setembro em algumas regiões do território brasileiro, assumindo, no entanto, feições de cunho africano peculiares no Recôncavo da Bahia, dentre as quais reverência e ritual religioso (velado e em âmbito doméstico) às entidades relacionadas no candomblé (Ibejis no

jêje¹³ e nagô¹⁴, Vunji¹⁵ no angola¹⁶) e oferenda de caruru aos santos, o que para alguns pode representar o “sacrifício, o ebó, como a forma essencial da sua comunicação com os orixás” (LIMA, 2005).

Com a oferenda do caruru, assim como o fez Iansã em agradecimento aos deuses pelo renascimento de seu filho gêmeo, Ibeji, que havia falecido com uma praga que assolou em seu reino de Oyó e na data de decapitação dos gêmeos Cosme e Damião na Europa, 27 de setembro, os devotos realizam uma celebração que une ritualísticas católicas e de influência africana.



Foto 05: Caruru a Cosme e Damião. Crédito: autoria própria.

O encontro entre Ibejis, Cosme e Damião gerou uma mistura que envolve muitos símbolos, ritos, preceitos. O caruru de Iansã em agradecimentos aos deuses se integrou no culto aos santos católicos (e vice versa), sete crianças surgiram na constituição da

¹³ Povos oriundos do continente africano da “área linguística Gbe”, possuíam características linguísticas iguais ou semelhantes, como os Adja, Ewe, Fon; onde o termo “vodum” era utilizado para designar as divindades do mundo espiritual (PARÉS, 2007).

¹⁴ Nome pelo qual se tornaram conhecidos, no Brasil, os africanos provenientes da Iorubalândia. Segundo R. C. Abrahams, o nome *nàgó* designa os Iorubás de Ipó Kiyà, localidade na província de Abeokutá, entre os quais vivem, também, alguns representantes do povo popo, do antigo Daomé. O termo proviria do fon *anago*, usado outrora com o significado pejorativo de “piolhento”. Isso porque, segundo a tradição, os iorubás, quando chegaram à fronteira do antigo Daomé, fugindo de conflitos interétnicos, vinham famintos, esfarrapados e cheios de piolhos. Segundo W. Bascom, o nome *nàgó* ou *nago* se refere ao subgrupo iorubá Ifo-nyin. Na Jamaica, o nome *nago* designa o culto de origem iorubá (LOPES, 2004).

¹⁵ Entidade correspondente ao Ibeji no culto de nação Angola.

¹⁶ A palavra *bantu* significa povo, plural de *mntu*, da raiz *_ntu*, que significa pessoa. A palavra foi um termo utilizado pelos europeus colonizadores para identificar os escravos da região de Angola, Moçambique, Zaire e Congo. Desenvolveu-se entre escravos que falavam língua kimbundo, língua umbundu e língua kikongo.

família dos “Cosmes”¹⁷, cantos católicos que falam dos orixás ou de candomblé que entoam os católicos foram compostas. Com o tempo a umbanda¹⁸ também se uniu à fé e com ela os seres encantados se agregaram à roda. Nesta cadência, a tradição que nasce de um processo de encontros vem se reinventando intermitentemente, gerando a cada dia novas formas de fazer, numa dinâmica que Manuela Carneiro da Cunha (1986, pg. 237) trata como “cultura de contraste”:

A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna *cultura de contraste*: esse novo princípio que a subtende, a do contraste, determina vários processos. A cultura tende ao mesmo tempo a se acentuar, tornando-se mais visível, e a se simplificar e enrijecer, reduzindo-se a um número menor de traços que se tornam diacríticos.

A relação entre Ibejis, Cosme e Damião se processou, decerto, por serem estas figuras reconhecidamente gêmeas e ligadas à cura, com o milagre da vida. Fortemente reverenciadas pelos africanos e de grande propagação e fé na Europa, Ibejis, Cosme e Damião viveram uma interação tamanha que hoje é difícil distinguir quem é quem na representação social em seu culto na Bahia.

Esta figura mítica com nome de Cosme e Damião, que come caruru, tem aura de criança, ganhou vida e se perpetuou no tempo através do catolicismo popular e doméstico. Ele se mescla de características arquetípicas de múltiplas influências, uma miscelânea de identidades, cosmologias, religiões. Com diversos elementos que corroboram essa miscelânea, a relação dos sete irmãos que representam a família dos “Cosmes”, os quais participam do ritual do caruru através de sete crianças que comem a comida após a oferenda aos santos, é um exemplo peculiar. Dentre estes estão: Cosme, Damião – católicos, martirizados, médicos, curavam doentes; Doum – da tradição africana, irmão que nasce após os gêmeos Ibejis¹⁹; Alabá – da tradição africana, irmão

¹⁷ A partir daqui por vezes serão tratados como “os Cosmes” os santos e entidades africanas que compõem o panteão da família de Cosme, Damião e Ibejis.

¹⁸ Recebe o nome de Umbanda um dos vários cultos religiosos sincréticos surgidos no Brasil entre os séculos XIX e XX, fruto do contato dos diferentes povos que contribuíram para a formação cultural e religiosa da população. A palavra umbanda deriva de *m'banda*, que em língua quimbundo (língua banto) significa “sacerdote” ou “curandeiro”. O culto combina elementos da filosofia espírita kardecista, dos vários cultos afro-brasileiros, tradições indígenas, do cristianismo católico e, posteriormente, conhecimento vindo de cultos esotéricos.

¹⁹ Aqui coadunado com Cosme e Damião.

que nasce após Doum; Crispim e Crispiniano²⁰ – católicos, irmãos, martirizados, sapateiros, romanos; Talabi²¹ – africana, menina que nasce empelicada²² (ODORICO TAVARES *apud* LIMA, 2005, pg. 22).

A diversidade de maneiras com que a celebração a Cosme e Damião se manifesta hoje no Brasil é abrangente. Igreja católica, candomblé, umbanda tem essa divindade como elemento de seu panteão e para cada congregação um rito específico se configura. É nos lares, no entanto, que predomina a manifestação, dialogando esta com o universo de quem a faz e adquirindo, portanto, feições peculiares, com uma rica variedade de expressões.

O “caruru de sete meninos”, ou a “mesa dos sete”, ou “a festa de dois, dois” ainda hoje é difícil de ser etnografado pelo fato de permanecer ligado a um culto muito particular conservado nos oratórios de “famílias tradicionais” nos chamados *quarto dos santo*. Cada família cumpre seu preceito de forma própria (SOUSA JÚNIOR, 2003, p. 122 – 123).

Segundo o Padre Roque da Igreja Católica Brasileira Cosme e Damião, em entrevista concedida para esta pesquisa, após Nossa Senhora, Cosme e Damião são os santos de maior devoção no país, com especial concentração na região do nordeste através do catolicismo popular e no Rio de Janeiro com a umbanda.

A devoção a Cosme e Damião iniciou-se no Brasil na segunda metade do século XVI, quando eles foram trazidos de Portugal por Duarte Coelho para Pernambuco (FALCI, 2002), tornando-se posteriormente padroeiros da cidade de Igaracu. Os Ibejis chegam também nessa época, quando aportavam na Bahia os africanos iorubás então escravizados (REIS, 2008).

A umbanda vai se constituir no Brasil no século XX, entre 1920 – 1930 (PRANDI, 1999, p. 98), integrando novos elementos e formas de culto aos gêmeos. Esta religião nasce como dissidência e sob grande influência do espiritismo, “que surgiu no

20 Crispim e Crispiniano eram irmãos de origem romana. Cresceram juntos e converteram-se ao cristianismo na adolescência. A Igreja Católica celebra os santos Crispim e Crispiniano como padroeiros dos sapateiros no dia 25 de outubro. De acordo com Afrânio Peixoto (*apud* SANTOS 2011) o motivo da associação de Crispim e Crispiniano com São Cosme e São Damião “deve-se à semelhança das comezainas oferecidas nos cultos, e principalmente, à irmandade dos santos, que embora não gêmeos, são dois”. Além disso, ambos foram martirizados em época de perseguição aos cristãos pelo império romano e sob o regime do mesmo imperador, o Diocleciano. Crispim e Crispiniano foram martirizados em 286 d.C. e Cosme e Damião em 287 d.C.

²¹ Segundo Vivaldo da Costa Lima (2005, pg. 29), a integração da Talabi na roda “segue uma seriação que se propõe lógica, alusiva ao sagrado número sete”. Seria, portanto, a personagem encontrada para fechar o número místico “7” na composição dos irmãos. Talabi é um *amutorunwa*, sendo o nome dado à criança menina que nasce empelicada. Quando menino o nome é Salacó.

²² Diz da criança empelicada aquela que nasce com a bolsa amniótica íntegra.

século XIX em ambiente cientificista na França, vicejando primeiro na Europa e Estados Unidos, sociedades tecnologicamente muito avançadas, onde imperava a ideia do progresso” (TRINDADE-SERRA, 2014, p. 161-162). Institui-se, portanto, a partir da inserção de kardecistas insatisfeitos com sua ortodoxia, que não permitia a manifestação de caboclos e preto-velhos por serem considerados "espíritos inferiores" (PRANDI, 2006, p. 98).

O culto doméstico de santos protetores familiares na Bahia liga-se às antigas práticas do catolicismo popular e negro, no qual africanos catolizados cultuavam os santos católicos como “parte integral da sua religiosidade”. De acordo com Luís Nicolau Páres (2007, pg. 111),

[...] uma parte dos africanos, fosse por educação recebida na própria África ou na sua chegada ao Brasil, podia aceitar o credo católico e atuar com uma devoção “sincera” motivada por esses referentes culturais. De fato, **a devoção católica dos santos, baseada no “complexo da promessa” e na relação interpessoal do indivíduo com intermediários espirituais capazes de resolver problemas do cotidiano, apresenta uma notável semelhança com as dinâmicas estabelecidas entre devotos e divindades africanas. Essa homologia certamente facilitou a conversão religiosa, mais ou menos profunda, de certos indivíduos e não há motivos para duvidar da existência de negros católicos convictos [grifo nosso].** Outra parte dos africanos envolvida nas irmandades, talvez a maioria, não sofria uma conversão tão radical. Eles podiam adicionar, muitas vezes de forma apenas superficial, certas crenças e hábitos católicos àqueles com os quais foram educados na África, estabelecendo paralelismos ou relações conceituais, por vezes até identificações, entre os dois sistemas referenciais. A cumulação de recursos espirituais diferenciados, aliás característica de muitas religiões africanas e também do catolicismo popular, não era vivida necessariamente como uma contradição, mas como uma estratégia eficaz para lidar com a adversidade e propiciar a boa fortuna. Para essas pessoas, ou pelo menos para parte delas, a participação nas irmandades [católicas] não era apenas uma fachada ou uma estratégia de ocultação de suas “verdadeiras” crenças, pois a devoção dos santos constituía também parte integral da sua religiosidade.

Cerimônias domésticas dedicadas às divindades africanas ainda sobrevivem de forma bastante sutil e tênue, mas o culto a santos católicos permanecem em pleno fervor. Assim, São Cosme e São Damião representam exemplarmente santos protetores familiares e por isso são cultuados no âmbito familiar, na intimidade doméstica.

Os santos familiares exercem a função de garantir a boa sorte, a fortuna e evitar o infortúnio. Em geral possuem um altar nas casas de seus devotos, os quais zelam seu

espaço e os agradam com flores e velas. É comum serem oferecidas festas e/ou celebrações típicas em agradecimento às bênçãos alcançadas, num banquete coletivo.

O banquete representa um *dom*, no sentido *maussiano*, do “dar, receber e retribuir”, sendo uma contrapartida aos benefícios recebidos. Para Mauss (1974), o dom ou a dádiva é um ato simultaneamente espontâneo e obrigatório; se caracteriza por ações recíprocas e necessariamente devolvidas ou retribuídas. O caruru do São Cosme e São Damião, portanto, é um banquete de retribuição e agradecimento pelos devotos que os têm como santos protetores e possuem por eles alguma graça alcançada, ato, como já citado, também feito pela divindade Iansã na mitologia que conta a história dos Ibejis.

A construção do objeto e a metodologia

A pesquisa parte da hipótese que o culto aos santos gêmeos tem se perpetuado, em medida, muito mais para manter viva uma prática dos antepassados, sendo esta uma herança que os descendentes têm se dedicado ao compromisso de perpetuá-la, dando-lhe sentidos que renovam a fé a cada geração.

Em dadas situações uma pessoa se vê na condição de iniciar a devoção aos santos e (re)constrói ou (re)inventam seu culto a partir de lembranças do fazer de seus pais, avós, vizinho, representante religioso. De memórias e ressignificações, portanto, velhos hábitos se mantêm e tecem novas formas de saberes e fazeres que alimentam a fé, reafirmando-a viva e dinâmica.

Num trançado de histórias, esta pesquisa se pautou na memória oral (individual e coletiva) e na ressignificação da cultura como elementos que assentam o passado e renovam sentidos, perpetuando e reinventando as tradições culturais. O objetivo do presente trabalho foi investigar a dinâmica antropológica e sociocultural do culto doméstico a Cosme e Damião, compreendendo os mecanismos que permitem sua permanência, incluindo as ressignificações, e rituais simbólicos na cidade de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia. Especificamente, buscou-se explorar a diversidade de experiências do culto nesse universo polissêmico, complexo e multifacetado.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica minuciosa, uma investigação de campo de natureza antropológica, de base etnográfica, com entrevistas e observação participante. Foram desenvolvidas entrevistas abertas com dez

devotos ou parentes de realizadores de festa aos gêmeos e pessoas de notório saber sobre o assunto e observação participante e sistemática em cinco cultos domésticos nos anos de 2014 e 2015 na cidade de Cachoeira, entre zona urbana e rural.

Para chegar às pessoas entrevistadas e aos cultos domésticos observados me utilizei de indicações de pessoas da cidade e da própria rede de devotos aos gêmeos. Os próprios sujeitos de fé e devoção se reconhecem e dialogam entre si. O primeiro devoto indicado para entrevista e observação faz uma grande festa pública e é um notável em festa de Cosme e Damião no cenário local. Na sua casa, durante o corte dos quiabos para a festa que se daria na noite, estavam duas devotas, tendo sido ambas entrevistadas. Uma outra devota me convidou para seu caruru e aproveitando a oportunidade lhe abordei para compor o universo da pesquisa.

Com percursos diferenciados, tendo os caminhos se encontrado através dessa rede de informantes, as experiências apresentadas neste trabalho foram selecionadas entre um universo muito maior. Foram escolhidas as experiências que ilustram a “heterogeneidade e conexão” do rizoma do culto doméstico aos gêmeos em Cachoeira. Nas experiências aqui manifestadas se revela a polissemia e diversidade do culto.

A experiência etnográfica foi um momento peculiar. O estar lá com a pretensão científica, buscando apreender e interpretar a manifestação como uma “estranha”, me propiciou perceber singularidades, sutilezas, detalhes até então imperceptíveis para o olhar de quem era, por outro lado, “nativa”, tendo vivido histórias marcantes de culto aos santos gêmeos desde a infância. Estranhar o familiar fez parte crucial do exercício etnográfico.

Vale salientar que o “estranhar o familiar” não foi uma experiência tranquila e harmônica. Desconstruir a mim mesma, no exercício de tentar superar os paradigmas culturais estabelecidos socialmente, entranhados na minha visão e capacidade de ler o mundo, foi um exercício doloroso. Doloroso no sentido do conflito interno e pessoal. Me vi carregada de preconceitos (no sentido de conceitos preconcebidos). E depois me vi limitada.

Percebi que para compreender o outro, mesmo sendo este outro tão próximo de mim, eu precisava de um repertório (teórico e empírico) ampliado, ressignificado, que me munisse de competência para enxergar para além do que meus olhos e visão de mundo fossem capazes. Além do repertório que se iniciou numa busca para a amplitude e ressignificação, comecei a me despir de tudo que era preconcebido, preestabelecido, pré-formatado dentro de uma caixinha de tendências e “verdades”.

Com sentidos e visão aberta, me entreguei a uma nova forma de estar e me relacionar com a pesquisa. Ao me permitir a este exercício do desapego às velhas compreensões e formas de apreender o mundo, as coisas ganharam novos sentidos, agora mais condizentes com o universo que se revelava e que eu até então não estava preparada para decodificá-lo. Achava que tudo era muito desconexo, contraditório, até perceber que as desconexões e contradições estavam em minha incompetência de me transpor para o lugar do outro. Exercício este que fez toda a diferença e que só aprendi caminhando.

A dor inicial do estranhamento se tornou uma sensação leve e prazerosa do me permitir em estado de aprendiz. Parafraseando Elisa Lucinda em seu poema “O amor de Dudu nas Águas”, “deixei no mar os velhos adereços, a velha cristaleira, os velhos vícios, as caducas mágoas”. Se iniciou um processo de maturidade, olhar atento, desprendimento de mim mesma e mente aberta.

Deparei-me com o que Geertz fala sobre o trabalho etnográfico:

O que o etnógrafo enfrenta, de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. [...] Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1978, pg. 7).

Feito uma artesã, me debrucei aos fios da “teia de significados” que bordam o presente estudo; significados estes que os homens dão às suas ações e a si mesmos (GEERTZ, 1978). Assim, na etnografia, mais que registrar os fatos, me dediquei a interpretar e buscar os significados contidos nos atos, rituais. Aqui, cada personagem que nos fala em entrevista e devoção é um universo carregado de sentidos. Cada narrativa revela uma manifestação própria, como que quadros individuais em cena conectados disformemente.

Os devotos possuem muito orgulho e disposição para falar de sua fé, como que se revelar sua experiência de dedicação aos santos fosse uma prova de amor, um testemunho de cumplicidade/proximidade e bênçãos. Há relatos de brigas e cobranças com os santos, numa relação de intimidade e certeza que eles andam presentes na vida cotidiana.

Uma devota, por exemplo, narra que teve algumas “barrigas de gêmeos”²³ e por isso passou a cultuar Cosme e Damião há mais de 50 anos. Ela não tinha casa própria e daí pediu para eles lhe dar uma casa. Eles deram! Depois a casa ficou pequena para a festa deles e ela lhes pediu para conseguir fazer um espaço anexo para a realização dos festejos, o qual também foi concedido. Depois do anexo ela pediu para comprar uma *freezer* para guardar os frangos da festa. Pedido também realizado! A relação por ela narrada é de familiaridade, presença cotidiana dos santos em sua rotina, brigas e cobranças por pedidos não respondidos e/ou castigos dados pelos santos por ela não ter cumprido com algum acordo ou promessa. Uma relação íntima de troca e reciprocidade.

A devoção, no geral, possui um enredo fantástico. As narrativas começam com alguma demanda que precisou de um milagre, uma intervenção divina, uma resposta que transpõe o plano físico, pairando o metafísico.

Nas histórias e memórias orais a seleção do que é falado se estabelece numa preocupação em deixar claro as afiliações religiosas e sociais. Das pessoas católicas, por exemplo, há a afirmação recorrente de que o culto e caruru não tem nada a ver com oferenda aos santos. Uma devota, por exemplo, a todo o tempo dizia no momento da entrevista que o caruru por ela oferecido era apenas uma festa, que o “santo não comia”, que na sua celebração não havia “nada de colocar comida no pé do santo”.

Para as pessoas do candomblé e umbanda, por outro lado, o santo come e isso não é problema em evidenciar. O problema aqui é em dizer como se faz, sendo restrito para alguns o momento da oferenda aos santos no quarto específico para tal. O segredo no culto se manifesta como uma metáfora, não sendo necessariamente proibido revelar o que é feito. Muitas vezes se processa como resguardo ou cuidado com o ato, sendo segredo o sagrado, evitando uma exposição aleatória. Portanto, os atos, rituais, falas, invocações nos momentos de oferenda da comida e da festa são geralmente preservados do olhar público, sendo restritos ao devoto, sua família e/ou pessoa religiosa de confiança.

Dentre os entrevistados na pesquisa estão: Seu Tito Francisco, conhecido como Purrão, 74 anos, residente no bairro do Caquende em Cachoeira, católico praticante; Urânia Rodrigues, 38 anos, residente na Rua do Amparo de Cachoeira, adepta do candomblé; Dona Caçula, 53 anos, da zona rural do Iguape, membro da umbanda; Dona Cleonilce, conhecida como Mainha, 65 anos, do bairro Santo Antônio de Cachoeira,

²³ Expressão utilizada para se referir à gestação de gêmeos.

adepta do candomblé; Dona Ivone, 72 anos, do bairro do Caquende em Cachoeira católica e do candomblé; Padre Roque, 73 anos, da Igreja Apostólica Brasileira Cosme e Damião; Luiz Magno, 53 anos, membro do candomblé Jêje (do Zogbodo Male Bogun Seja Undê, conhecido como Roça do Ventura) e da igreja católica; Janice Magno, 61 anos, membro do candomblé Jêje (do Zogbodo Male Bogun Seja Undê, conhecido como Roça do Ventura) e da igreja católica; Raimundo Cerqueira, 71 anos, católico e parente de um antigo membro da Irmandade dos Martírios, o qual zelava a imagem de Cosme e Damião; Luiz Cláudio do Nascimento, conhecido como Cacau Nascimento, 61 anos, pesquisador da história e cultura de Cachoeira, membro do candomblé, filho de um antigo membro da Irmandade da Paciência e do Rosário dos Pretos de Cachoeira.

A observação participante se deu nas celebrações de Seu Tito Francisco, Urânia, Dona Caçula, Dona Ivone e Dona Cleonilce. Utilizando de equipamentos de audiovisual, visto que concomitante às observações foram coletadas imagens para produção de documentário, percebi que a presença da equipe de vídeo e das câmeras influenciou na conduta e representação das pessoas, preocupadas em “ficar bem na fita” ou acreditando ser “seu dia de fama”.

Motivadas pelo sentimento de “testemunho” citado acima, as pessoas falaram muito, expuseram suas histórias com muita seriedade e veemência, num claro desejo que seu legado e relação com Cosme, Damião, Ibejis, erês, Crispins, Crispinianos e outros encantados infantis fosse difundido. Na manifestação da umbanda houve a presença de algumas entidades, dentre Damiana e Crispina, as quais foram consultadas e não autorizaram o seu registro fotográfico e audiovisual.

Este recurso da antropologia visual foi utilizado como instrumento para captar o que a narrativa textual por si não dá conta. O audiovisual comporta subjetividades, olhares, tons de voz, expressões faciais, movimento corporal, uso simbólico do espaço (PINK, 1992), detalhes almejados com o desenvolvimento do vídeo.

Diante da heterogeneidade de formas de se manifestar o culto e a fé, todas as experiências vivenciadas foram bastante distintas. Como a manifestação ocorre concentradamente no mês de setembro e outubro, a observação participante se desencadeou nesses meses nos anos de 2014 e 2015.

Pontos da dissertação

A cidade de Cachoeira, alguns lares e suas respectivas cozinhas foram os espaços adentrados no desbravar desta pesquisa. Dedicada ao estudo do culto doméstico a Cosme e Damião, o início do trabalho se dá descortinando uma face dessa cidade que é marcada pela diversidade cultural.

Compreender a manifestação em estudo implica entender o contexto em que a mesma está tecida e para tal o trabalho se abre com o capítulo “Entre o afro e o barroco: Cachoeira de encantos, sagrados e magia”. Neste ponto da dissertação o leitor adentra a cidade mística e pluricultural, onde o catolicismo negro teve grande reverberação e propiciou cultos especialmente miscigenados culturalmente (como o de Cosme e Damião).

Após adentrar a cidade, passa-se no capítulo dois - Culto doméstico de “dois-dois”: vozes de fé e devoção - para os lares, onde são explorados os cultos domésticos em sua diversidade e polissemia. Dividido em duas três partes, “São Cosme mandou fazer”, “Ajuda eu São Cosme” e “Na encruzilhada do sagrado”, discorro sobre as devoções por herança familiar e/ou por alguma motivação social, onde os devotos são obrigados a fazer o culto por uma coerção que está acima de seu desejo pessoal; sobre as devoções por promessas, trazendo à luz experiências da dádiva, assentadas no ato do dar, receber e retribuir e narrativas que borram as fronteiras entre o catolicismo – candomblé – umbanda - Europa – África – Brasil.

Passada a cidade e adentrado os lares, chego no capítulo três – No dia da festa dele São Cosme quer caruru - no caruru e na ritualística que envolve o fazer, a oferenda, o comer, o banquete coletivo. Debruçada à comensalidade deste ato em que comem santos, crianças, comunidade, faço uma etnografia do dia da festa deles.

CAPÍTULO 1

ENTRE O AFRO E O BARROCO:

CACHOEIRA DE ENCANTOS, SAGRADOS E MAGIA

Para quem não sabe, um jardim é uma floresta.

(provérbio africano)



Figura 01: Pintura Todas as mãos. Crédito: Suzart.

Sexta-feira fim de tarde um grupo de pessoas vestidas de branco cruzam a cidade de Cachoeira, Recôncavo da Bahia. Dentre estas uma ou algumas está de cabeça baixa e caminha lentamente, como em transe. Ela está rigorosamente toda envolta de branco, inclusive na cabeça (que está sacralizada e por isso não pode se expor) com seu ojá²⁴ e tem sob as vestes o mocam²⁵, o quelê²⁶ e deloguns²⁷. O destino dessas pessoas é a Ordem Terceira do Carmo, complexo²⁸ que comporta a igreja do Carmo e um salão com a imagem de Jesus Cristo²⁹ carregando a cruz para ser crucificado, o Senhor dos Passos.



Foto 06: Afro-barroco. Crédito: Jomar Lima.

²⁴ Ojá é um tipo de torço usado na cabeça nas religiões tradicionais africanas, religiões afro-americanas, religiões afro-brasileiras.

²⁵ Mocam ou mokã é um cordão de palha da costa trançada cujos fechos são duas “vassourinhas” de palha. Este cordão constitui um símbolo da iaô e é, geralmente, preservado por toda vida religiosa.

²⁶ Quelê ou kelê simboliza a ligação indissociável entre o orixá e o iniciado. Confeccionado com miçangas, fio de conta, intercalado com firmas de porcelana, pedras tipo ágata e cristal, terra cota, búzios, lagdba, até mesmo sementes. Sua cor varia de acordo com o orixá de cada iniciado na feitura do santo. O Quelê é uma aliança que tem a finalidade de unir o sagrado com o iniciado, num simbolismo de casamento perfeito com o seu orixá, usando restritamente no pescoço, na iniciação, obrigação de três, sete, quatorze e vinte e um anos de feitura. Depois de um período que pode variar de doze, quatorze, dezesseis, vinte e um dias e até mesmo três meses da obrigação ritualística, a "joia" do orixá como também é chamada, é determinado pelo orixá, através do merindilogun, a ser colocada no assentamento sagrado "Igba orixá", podendo permanecer até a última obrigação do iniciado chamada de axexê, quando este objeto tão sagrado e místico é desfeito.

²⁷ Delogun são colares feitos de 16 fiadas de miçangas com um único fecho cuja medida vai até a altura do umbigo. Cada iaô deve possuir, normalmente, um delogun do seu orixá principal e outro do orixá que o acompanha em segundo plano.

²⁸ Neste lugar há também uma sala para pagadores de promessas, onde ali se depositam cabelos, esculturas representativas de partes do corpo, “santinhos”, cartas de agradecimento, depoimentos escritos de graças alcançadas, fotografias, dentre outros.

²⁹ O Cristo no sincretismo com o candomblé é relacionado ao orixá Oxalá, pai de todos os orixás.

A pessoa em transe é uma iaô³⁰ e está vivendo neste momento seu rito de primeira saída do roncó³¹ à rua. E como rito de primeira saída ela precisa passar por alguns pontos “sagrados” ou fundamentais no seu processo de feitura³² no candomblé: ela precisa “bater a cabeça” ao Senhor dos Passos, o Jesus Cristo; ela precisa ir à casa de algumas autoridades do candomblé lhes pedir a benção; ela precisa viver o seu panã ou quitanda da iaô³³ como passo de dessacralização.

Essas pessoas entram no complexo do Carmo e dirigem-se à igreja. Ajoelhadas oram para os seus santos e orixás protetores.



Foto 07: Dessacralização da iaô. Crédito: Jomar Lima.

³⁰ Ìyàwó, iyawô, yao e iaô são palavras de origem iorubá que designam os filhos de santo no candomblé já iniciados na feitura do santo, mas que ainda não completaram o período de 7 anos da iniciação. Só após os 7 anos o iaô se tornará um egbomi ("irmão mais velho"). Antes da iniciação são chamados de abíyàn ou abian. A pessoa passa a ser um iaô após um período (que varia de terreiro para terreiro) recolhida no roncó (clausura), quarto específico e apropriado para se fazer as iniciações e obrigações, e passar por todos os preceitos necessários para ser um iniciado. É durante os sete anos que a pessoa vai aprender as rezas, as cantigas, os preceitos, os segredos só confiados aos iniciados do candomblé.

³¹ Espaço sagrado onde ficam recolhidos os iniciados no candomblé. É um quarto à parte dentro do terreiro ou separado dele, onde ficam recolhidos os iniciados, que após cumprirem o prazo determinado são apresentados aos irmãos de fé e consagrados aos orixás. Também é utilizado para boris e outros rituais que necessitem de recolhimento.

³² “Fazer no candomblé” significar se iniciar nesta religião.

³³ O panã ou quitanda da iaô ocorre quando a iaô, após seu itinerário na rua, retorna para o terreiro para mais uma etapa de seu rito de dessacralização.

Depois sobem os 24 degraus rezando o pai nosso³⁴. Ao chegar na parte superior elas novamente se ajoelham, agora diante do Senhor Jesus. Com três palmas em paô³⁵, repetidas três vezes, todos os presentes envolvidos no rito saúdam o santo filho de Deus, como que a um orixá. A iaô manifestada de seu orixá, vodum ou inquice se curva em reverência, bate a cabeça três vezes no chão à frente do santo e depois aos seus pés.



Foto 08, 09, 10, 11: Afro-barroco. Crédito: Jomar Lima.

Feito o rito, a iaô levanta e as demais se organizam para ir embora. O grupo seguirá no seu percurso para os próximos pontos que ainda aguardam a chegada da neófita em seu itinerário sagrado.

Esta cena, que já fora recorrente³⁶ na paisagem cultural e cotidiana da cidade, representa bem a Cachoeira que dialoga de maneira estreita e intensa com o catolicismo e o candomblé. Cidade que teve em sua constituição histórica a presença lusa, africana e indígena, o legado dessa interação pluricultural se reflete em hábitos e expressões peculiares.

³⁴ Há uma percepção dos devotos do Senhor dos Passos que o número de degraus da escada que leva ao seu salão corresponde ao número de estrofes do Pai Nosso.

³⁵ Saudação ao orixá. Realizada sempre que se invoca por qualquer razão o orixá, tanto em banhos, fundamentos e rezas. Em iorubá significa: "pa" = juntar uma coisa com outra / "o" = para cumprimentar. Essa palavra é uma contração de ìpatewó que significa aplauso.

³⁶ Hoje ocorre em menor incidência, sem a intensidade que ocorria há 10 anos, por exemplo.

Em um cenário de encontros, tensões e interesses, cujo projeto colonizador - físico e ideológico - se assentou em estratégias ora amenas ora de forte violência contra os povos africanos e seus descendentes, se constituiu um território de características ímpares. Em uma trama de muitas identidades e culturas se assetaram tradições que fazem de Cachoeira uma terra afro-barroca, sacro-profana, encantada, mística, de magia.

Cada canto da cidade, cada costume, cada comida conta uma história tramada de realidade, ficção, mitologia, filosofia. Nela o sagrado e o profano vibram numa batida peculiar e em determinadas manifestações as fronteiras entre estes quase inexistem; nela se conta as histórias mais extraordinárias das personagens mitificadas que marcaram a história do candomblé da Bahia e das irmandades católicas negras; nela se pede licença ao cruzar uma encruzilhada e se benze em sinal da cruz quando se passa em frente a uma igreja católica.

Nela Iemanjá se petrificou e na sua pedra, a Pedra da Baleia, se faz oferenda e tem festa para esta deusa todos os anos em fevereiro; nela se reza com samba, se samba com reza e nos cultos domésticos para Santo Antônio e Cosme e Damião, por exemplo, os santos comem e tem banquete coletivo; nela tem festa d'Ajuda; tem mandus, cabeçorras³⁷, caretas e pierrôs; tem irmandades negras centenárias como a Irmandade da Boa Morte.

Tem festa de São João e no dia 24 de junho se acende fogueira para Xangô ou Sogbô em alguns terreiros de candomblé; tem sambas de roda; bumba meu boi; festa de Santa Bárbara na igreja com fogueira e oferenda de caruru; tem feira livre e sua economia do sagrado; tem padre macumbeiro e pai de santo ou mãe de santo católica; tem gente perambulando pelas ruas manifestadas de caboclos e outros encantados; tem gente que ficou doida porque recebeu zorra ou feitiço de alguém e nunca conseguiu se curar; dentre outros inumeráveis enredos próprios da cidade.

Neste contexto se dá em grande intensidade os cultos domésticos a Cosme e Damião. A população católica, candomblecista e dita "sem religião" reverencia tais santos com grande devoção. Entre o afro e o barroco; a reza, a vela, as flores e o ebó, tal a saída da iaô apresentada acima, os santos gêmeos são zelados nos lares cachoeiranos em um misto de muitas influências. Quando para o santo ou seus "escravos" não se tem

³⁷ Espécie de máscara de dimensão muito grande representando uma cabeça humana, feita de papelão ou outro material leve e usada por ocasião de certos festejos e procissões. Usada pela classe popular em Cachoeira durante o embalo da Festa d'Ajuda como sátira aos senhores da Cachoeira colônia no período de surgimento da festa (século XVIII).

ebós ou comida aos seus pés, há a comida partilhada, o baquete coletivo que agrada o gosto dos mesmo conforme sabedoria popular.

Em um passeio pela cidade, tendo como horizonte tais cultos domésticos, caminho neste capítulo por pontos que referenciam a proposta em estudo. Reconhecendo que o culto não está fechado nos lares, mas interconectado em uma rede de significados e entendendo, como Geertz, que a cultura é uma “teia de significados” tecida pelo próprio homem, me debruço a esta teia chamada Cachoeira. Numa costura pontual e direcionada teço os fios deste enredo. Os pontos, com nó e interconectados, envolvem pessoas, instituições, narrativas orais, lugares.

1.1. Perspectiva histórica

Cidade que nasceu no período colonial do Brasil³⁸, o início de sua colonização pelos portugueses data de meados do século XVI, quando muitos indígenas foram dizimados do território para então engendrar um processo econômico que se perpetuou até fins do século XIX.

Dos engenhos de açúcar, passando pela economia do tabaco e fumo à entreposto comercial, conectando Salvador ao interior do país, a cidade recebeu para a manutenção de tais empreendimentos um número grandioso de africanos escravizados. Nas distintas fases da escravização, advindos das diversas etnias, Cachoeira recebeu africanos do século XVI ao XIX, inclusive na fase ilegal, quando já era proibida a comercialização de negros no Brasil.

A cidade, inicialmente Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, por conta de sua potência econômica agregou número grandioso de portugueses, detentores das riquezas da época, além, como já apresentado, de africanos. Segundo João José Reis (*apud* SANTOS, 2009, pg. 20), já na passagem do século XVIII para o XIX Cachoeira era “o segundo núcleo populacional da Bahia”. Hoje ela é o segundo maior parque arquitetônico barroco do Estado, legado desse período áureo de sua história.

³⁸ Para maiores informações sobre a formação histórica e cultural de Cachoeira, ver, dentre outros: Edmar Ferreira Santos (2009); Luiz Cláudio Dias do Nascimento (2010); Stuart B. Schwartz (1988); Walter Fraga Filho (2006).

Cachoeira era considerada o segundo termo mais importante da Bahia. Compreendia uma enorme área geográfica, populosa, com intensas relações comerciais e intercâmbios culturais, vastas plantações de fumo e cana, bem como numerosos engenhos de açúcar. A cidade era ainda espaço de produção e distribuição de gêneros alimentícios, passagem dos diamantes de Mucugê e Rio de Contas, gado, além de escravos e toda sorte de produtos para as famílias da região (SANTOS, 2009, pg. 20).

Deste contingente populacional citado acima, decerto fatia considerável abarcava a população negra, visto que na véspera da data do fim do estatuto legal da escravidão, 13 de maio de 1888, a região do Recôncavo concentrava 10% da população escrava de todo o país (SANTOS, 2009, pg. 52). Segundo Edmar Ferreira Santos (2009, pg. 45),

Estima-se que na primeira metade do século XIX 350 mil escravizados trazidos da África tenham chegado à Bahia. Aproximadamente 7 mil por ano, trazidos da Baía do Benin, império do Daomé, terras iorubá, terras hauçás e vizinhança. O Recôncavo baiano, particularmente, experimentou um notável crescimento econômico a partir das últimas décadas do século XVIII.

No início do século XX o retrato da cidade já não era tão próspero. Com a decadência da economia açucareira; falência financeira de muitos portugueses investidores na economia do açúcar na região; redução do comércio do fumo; “abolição” da escravatura; criação de estradas de ferro e conseqüente mudança do roteiro da capital (Salvador) para o sertão e minas gerais a Cachoeira iniciou um movimento de abandono social, geográfico, financeiro. O vapor de Cachoeira deixou de navegar no mar e os tempos mudaram para as suas águas.

De grande polo comercial, ocupando posição estratégica na economia do país e da Bahia, Cachoeira passou a ter uma economia basicamente de subsistência, com agricultura familiar e economia de ganho. Lavadeiras, cozinheiras, doceiras, sapateiros, alfaiates, pedreiros, marceneiros, artesãos, dentre outros ocupavam espaços na cena. Outra grande fatia de renda na região foi ocupada pelas ferrovias, onde os empregados da Leste, empresa que circulava na região, possuíam status social pela ocupação e a indústria petroquímica, que se instalou em terras de São Francisco do Conde, Santo Amaro e arredores.

Cachoeira, por ter protagonizado nas lutas pela independência da Bahia entre 1822 – 1823, foi reconhecida a partir do decreto 68.045, de 13 de janeiro de 1971, assinado pelo presidente Emílio Garrastazu Médici como cidade histórica, heroica e

monumento nacional. Este status, tendo seus prédios e monumentos sido tombados como patrimônio nacional, lhes reservou a paisagem arquitetônica, mantendo a cidade um cenário típico do tempo que emergira.

Após anos de estagnação econômica, a cidade que vivia o paradoxo entre a riqueza histórica e patrimonial e a extrema pobreza social, com uma população majoritariamente negra que tivera sido entregue ao mundo pós “abolição” sem uma política de inclusão, começa a engrenar no início do século XXI um processo de crescimento a partir de políticas públicas para o seu desenvolvimento humano, cultural, econômico.

Com o Programa Monumenta os prédios e sobrados históricos, que encontravam-se em sua quase totalidade em ruína, são restaurados e o centro histórico da cidade passa por uma intensa reforma a partir de incentivos de crédito para a população. A implantação da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) também dá novo fôlego à dinâmica da cidade, bem como a reforma de seu antigo Cine Theatro Glória e as políticas culturais implantadas pelo governo federal e estadual a partir de 2003 e 2007, respectivamente.

1.2. E segue como um filme de época...

A paisagem de Cachoeira parece um filme de época. Entre a tradição e a contemporaneidade transitam pelas ruas da cidade pessoas que partem da zona rural rumo à feira livre em seus jegues com cofas munidas de alimentos da agricultura familiar a serem comercializados; carroças movidas a animais puxadas por jegues ou cavalos que servem de meios de transporte para mudanças de residência, carretos, etc.. Em contraposição, há também motos em grande número utilizadas para uso próprio ou como transporte, carros velhos, novos, nacionais e importados.

Os casarios coloridos, especialmente no centro histórico, fazem da cidade um quadro peculiar. Casinhas pequenas, outras maiores, com fachada típica de cidade histórica de interior; sobrados imponentes, outros em ruína; igrejas católicas suntuosas estilo barroco compõem o acervo arquitetônico do cenário.

Nos arredores, nas recuadas e zona rural habitam grande número de terreiros de candomblé.

1.3. Os enredos mágicos...

A força do mundo cultural africano no Brasil do século XIX pode ser visualizado através do catolicismo muito peculiar engendrado pelas pessoas negras, contrariando o controle do clero. Como sugere Roger Bastide, o catolicismo negro foi o santuário precioso que a igreja branca, sem querer, ofereceu aos africanos levados ao Brasil. Neste santuário, os africanos e seus descendentes, espalhados pelas fazendas e casas urbanas brasileiras, guardaram os valores mais importantes das suas religiões nativas. Eles guardaram estes valores religiosos, não como relíquias, mas sim como “realidades vivas” (AZEVEDO, 2003, pg. 121).

No Brasil a igreja branca gradativamente acomodou o catolicismo negro. Ao impedir a completa segregação dos dois catolicismos, a igreja branca manteve o controle sobre os seus fiéis negros. Para Bastide, a separação incompleta entre os dois catolicismos impediu o povo negro de chegar a uma consciência de raça através da experiência mística, ainda que os seguidores do catolicismo negro fossem, no geral, adeptos das religiões africanas (AZEVEDO, 2003, pg. 122).

Novas alianças eram feitas, novas identificações eram percebidas, novas identidades eram construídas sobre bases diversas: de aproximação étnica, religiosa, da esfera do trabalho, da moradia. Assim, reagrupamentos étnicos compuseram “nações”, pescadores e carregadores se organizaram em torno das atividades que exerciam, vizinhos consolidaram laços de compadrio e se juntaram cultuadores dos orixás, os que faziam oferendas aos antepassados e recebiam entidades sobrenaturais sob o toque de tambores.

CAPÍTULO 2

CULTO DOMÉSTICO DE “DOIS-DOIS”: VOZES DE FÉ E DEVOÇÃO

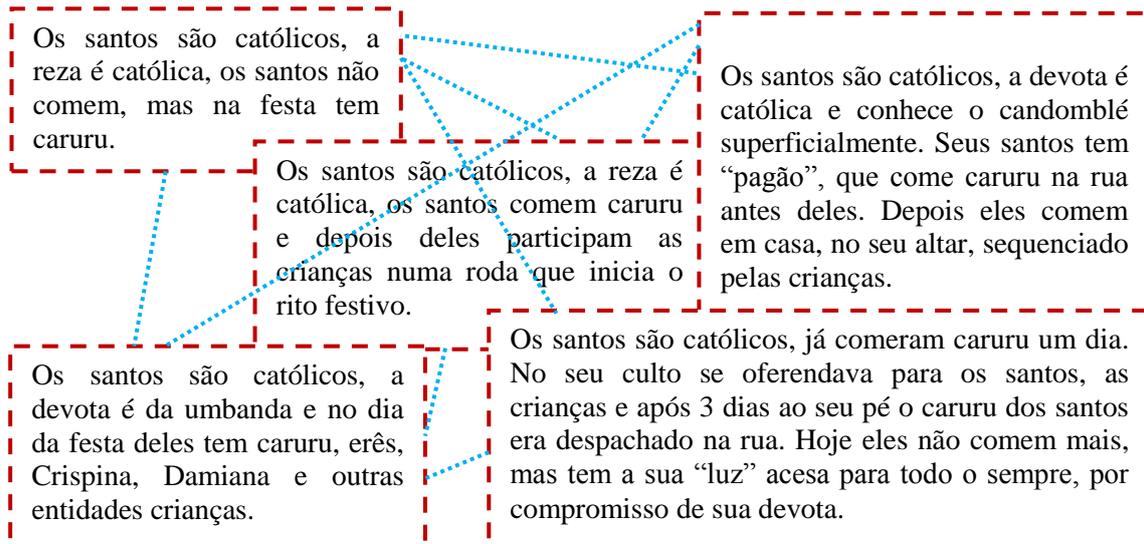
Eu era criança e tinha esperança de ser um dia feliz.
Fiz uma promessa, dei doces à beça para os santinhos guris.
Mamãe que fazia os doces pediu que eu lhe fizesse um favor:
pedisse pro meu “papaizinho” que desse a ela o seu grande amor.

Cosme, Damião, Doum, Crispim e Crispiniano, Caboclinho das Matas
doces pra vocês eu dei e as promessas que fiz já paguei.
Festas e mais festas eu fiz... Nesta data feliz eu me lembro.
Cosme e Damião, Doum, 27 de setembro...

(canto de domínio público)



Foto 12: Altar doméstico de Cosme e Damião. Crédito: Caroline Moraes.



Quadro 01: “Rizoma” ilustrativo do culto doméstico a Cosme e Damião em Cachoeira/Bahia. Fonte: autoria própria.

Como um rizoma, feito quadros individuais em cena conectados aleatoriamente por pontos em comum, o culto doméstico a Cosme e Damião em Cachoeira se manifesta de maneira polissêmica. A Cachoeira, que dialoga com a cultura afrodescendente e católica de maneira estreita e intensa, congrega um universo de muitas vozes que celebram os santos gêmeos numa trama de fé, invenções, interconexões, vivacidade. Para cada culto há uma especificidade, um rito particular, signos e sentidos que contam, dentre outras coisas, a história de vida do devoto.

O santo que é dois, por vezes é três, e segue acompanhado de seu “irmão” africano Doum. Por vezes também é médico que cuida das criancinhas e noutras situações é a própria criança. Os mesmos santos se revelam de várias nuances e seus significados variam de acordo com o repertório de crenças e do legado religioso de seu devoto, do que lhe foi deixado por um parente, no caso dos devotos de herança familiar.

Conhecer a fundo a história dos santos não é preocupação de quem os cultua. Eles prestam reverência aos gêmeos sem grande problematização de quem foram, o que fizeram e os seus poderes atribuídos. Há uma fé “cega”, desprovida de uma necessidade de compreensão objetiva sobre as suas existências. A concepção, no geral, paira em especulações de ter ouvido falar por outrem e/ou informações orais concatenadas.

Esta “fé cega” ilustra sobremaneira o que Pierre Bourdieu apresenta em sua noção de *habitus*, noção esta em que ideias e conceitos já incorporados ao nível corporal, ritual e comportamental dos sujeitos continuam funcionando mesmo quando o conceito já não é legítimo.

Neste caso o culto que nasceu em determinado tempo histórico perpetua-se entre devotos e herdeiros do culto sem que estes saibam efetivamente os sentidos de determinados elementos no ritual. Eles o fazem, simplesmente, como prática incorporada e apreendida, estabelecida tradicionalmente no seu contexto social como a forma de fazer.

De fé e devoção, as vozes que aqui narram os cultos bailam entre histórias e memórias. A fé é viva! E assim o é a religião. Nas narrativas apreendidas na experiência etnográfica dedicada a compreender tal manifestação os santos também estão vivos, fazem parte do cotidiano de seus devotos, que com eles sonham, conversam, brigam, celebram, dividem dores e alegrias. Cosme, Damião, Ibejis e sua legião de “irmãos” e encantados são os “feiticeiros-milagreiros” dessa história. Há uma vivência de todo tipo de bênçãos, de graças alcançadas e se partilha um rito no qual a crença é o combustível fundamental para a sua eficácia.

Segundo Lévi-Strauss em “O feiticeiro e sua magia” (1994, pg. 194),

A eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, **a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas** (grifo nosso); em seguida, **a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro** (grifo nosso); finalmente, **a confiança e as exigências da opinião coletiva** (grifo nosso), que formam a cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça.

No ciclo do “feiticeiro e sua magia”, conforme posto, existe a fé ou crença como elemento central, a qual habita no sentimento de quem possui a força, de quem é impactado por esta força sobrenatural e pelo coletivo, que participa deste rito como espectador e também crente.

Quando vivos os santos gêmeos foram tratados como verdadeiros “feiticeiros” dedicados. Suas hagiografias e mitologias atestam terem sido tais divindades atribuídas de poderes para a realização de milagres, tendo sido, inclusive, Cosme e Damião martirizados por acusação de feitiçaria.

Esse poder se reflete e perpetua no imaginário coletivo e ainda que eles não estejam entre nós no plano físico, suas presenças se mantêm vivas a partir de um legado histórico que os sacralizam e imortalizam. Eles se perpetuam como espíritos santificados ou divinizados que interagem com o universo do crente a partir de sua invocação e do culto de fé, numa relação de troca e reciprocidade. O devoto pede ou

presta reverência ao santo; o santo em plano metafísico, para uma verdade popular, atende com cura, conquistas, dentre outras realizações; o devoto retribui à suposta resposta do santo com rezas, velas, comida, flores, por vezes num rito coletivo e de fé partilhada.

Na relação estabelecida, o indivíduo que pede a benção ao santo passa a ter uma obrigação moral com o mesmo. Ao mesmo tempo o santo é envolvido moralmente com o indivíduo. Ao receber a benção do santo o indivíduo fica com a obrigatoriedade em pagar a promessa feita, sob pena de ser castigado pelo santo que o atendeu.

“O santo que tudo dá também tudo tira”, diz uma devota. E tendo o santo recebido tudo de seu devoto, caso não responda aos pedidos poderá sofrer todo tipo de maltrato, desde não receber comidas, velas e flores a ter sua imagem³⁹ congelada, colocada de cabeça para baixo ou até mesmo quebrada, em casos de ruptura total do devoto com ele. O limiar entre o físico e o metafísico quase inexitem em dadas situações. No castigo do santo há devotos que relatam terem ficado doentes até cumprirem com sua promessa. No castigo do devoto o santo pode ter sua imagem sucumbida e torturada.

Para Mauss, dar é uma obrigação, sob a pena de provocar uma guerra (2003, pg. 201). Para o autor em “O ensaio sobre a dádiva”, as prestações primitivas forjam a dádiva a partir de três obrigações interligadas: dar, receber, retribuir (2003, pg. 200). Cada uma dessas obrigações cria um laço de energia espiritual entre os atores envolvidos. A essa força ou ser espiritual ou à sua expressão simbólica ligada a uma ação ou transação o autor chamou de mana. Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas (Idem, pg. 212).

Mauss atribui o mana do doador como uma propriedade espiritual; assim, dando algo, dá-se algo de si mesmo. A noção de dádiva de si leva à ideia de que a dádiva cria uma dependência para com o outro, porque o mana, o ser do doador, seria insubstituível. Portanto, aquele que recebe esse símbolo é obrigado a retribuí-lo ou a ficar sob a sua dependência.

Destarte, o ciclo entre o dar – receber – retribuir se imbui de uma força especial, na qual a moral e o espiritual selam um sentimento de obrigatoriedade e reciprocidade entre os envolvidos. E neste rito de fé partilhada, onde o retribuir à benção implica, no caso do culto doméstico de Cosme e Damião, congregar outros crentes numa celebração

³⁹ A imagem do santo aqui personifica a sua presença, fazendo dele um membro presente, materializado nos lares.

que se comem o santo, crianças e convidados, o banquete coletivo regado de caruru se processa e o axé, quiçá o mana da religião afro-brasileira, se fortalece.

Nesta roda da “fé cega”, engrenada pelo mana (ou axé) com o dar-receber-retribuir entre devoto e santos, se debruça este capítulo. A partir de um percurso etnográfico por cultos dos gêmeos Dois-Dois⁴⁰ nos lares de Cachoeira são narradas abaixo algumas vivências que tecem o emaranhado desta celebração com as peculiaridades que lhes são ímpares. O trabalho está dividido em três pontos:

O primeiro, “São Cosme mandou fazer”, trata das experiências em que os devotos herdaram o culto de seus parentes e/ou nasceram no dia ou mês do santo, cumprindo com um compromisso social que está acima de suas aspirações pessoais. Eles se sentem obrigados a fazer.

O ponto dois, “Ajuda eu São Cosme”, aborda as promessas e as relações de culto motivadas por alguma necessidade pessoal que levou o indivíduo a se vincular aos santos a partir de um pedido; aqui o devoto necessariamente iniciou seu culto para receber algo em troca.

O terceiro, “Na encruzilhada do sagrado”, explora narrativas do culto e de seus santos que elucidam as fronteiras borradas entre a compreensão católica oficial e a popular. Em uma experiência a comunidade realiza o caruru na porta da igreja, visto que o mesmo não integra a programação oficial da organização religiosa. Na outra, uma pessoa afirma veementemente que Cosme e Damião foram em África, num enredo muito similar à mitologia dos Ibejis de cura e celebração nas terras de Oyo.

Sem pretensão de verdade, entendendo como James Clifford que as narrativas antropológicas são “verdades parciais”, aqui se revela uma face, dentre muitas, deste universo tão diverso. A intenção é revelar a pluralidade do culto; é plasmar as vozes de fé e devoção que de verbo e ato se tornaram este texto que aqui se apresenta.

2.1. SÃO COSME MANDOU FAZER

São Cosme mandou fazer duas camisinha azul;
No dia da feste dele São Cosme quer caruru...
(Canto de domínio público)

Aleluia, aleluia que nasceram dois irmãos.

⁴⁰ Expressão que faz referência aos dois irmãos gêmeos. Muito utilizada pelos devotos de Cosme Damião.

E São João batizou São Cosme e São Damião (2x).
Toda moça que tiver Dois Dois em uma nação,
Trate logo de festejar São Cosme, São Damião.
(Bendito⁴¹ de São Cosme e São Damião cantado em rezas católicas)

Nascer no dia do santo, 27 de setembro, ou no mês, setembro; parir gêmeos ou trigêmeos; ser filho ou parente de devoto e herdar tal compromisso familiar são alguns motivadores para cultuar Cosme e Damião nos lares cachoeiranos⁴² pelas pessoas que comungam dessa fé. As histórias mostram que os indivíduos se sentem “obrigados” a fazer o caruru e/ou cultuar de alguma maneira os Cosmes quando são acometidos por algum fator que impõe a presença de tais santos em suas vidas.

Dar o caruru aqui é revestido socialmente de obrigatoriedade, obrigação moral do devoto com o santo. Nesta situação o indivíduo faz seu culto motivado por um imperativo social que diz que ele tem que fazer ou, como diz a cantiga popular, “São Cosme mandou fazer”. Ainda que exista uma relação de troca e reciprocidade, o motivador prevalecente é a obrigatoriedade marcada pelos fatores dominadores atestados em cada história de vida. A obrigação do culto, portanto, está acima do indivíduo (uma norma estabelecida), fora do indivíduo (partilhada entre os devotos) e exerce um caráter de coercitividade sobre ele.

É este um fato social nos termos durkheimianos⁴³, com uma ação carregada de coerção imposta por um imaginário que pactua do princípio que “quem tem gêmeos e não quiser festejar, no céu não há de entrar”, “se começou não pode parar”, “quem nasce no dia do santo, caruru tem que oferecer”, dentre outras normas sociais estabelecidas pela tradição oral.

As histórias que seguem ilustram veementemente esta vertente da manifestação. Nascido em 27 de setembro, Seu Tito herdou de sua mãe, que iniciou seu culto, a obrigação de perpetuá-lo. Com compromisso e cumplicidade familiar ele vem

⁴¹ Expressão utilizada para as rezas cantadas em cultos de santos católicos.

⁴² No caso específico deste estudo.

⁴³ O fato social, segundo Durkheim, consiste em maneiras de agir, de pensar e de sentir que exercem poder de coerção sobre o indivíduo. “Um fato social reconhece-se pelo seu poder de coação externa que exerce ou é suscetível de exercer sobre os indivíduos; e a presença desse poder reconhece-se, por sua vez, pela existência de uma sanção determinada ou pela resistência que o fato opõe a qualquer iniciativa individual que tenda a violá-lo [...]. É um fato social toda a maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coação exterior, ou ainda, que é geral no conjunto de uma dada sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais” (DURKHEIM, 2007).

desenvolvendo sua festa que de certo será continuada pelos descendentes, como assim se manifestam os filhos e netos sobre o desejo de manter viva a tradição da família.

Já a Dona Ivone, tendo tido várias barrigas de gêmeos e trigêmeos, se vinculou aos santos por conta dessa legião de filhos duplos e triplos que trouxe ao mundo. Alguns desses filhos tiveram nomes em homenagem aos santos, como Crispim José e José Crispim, os quais, a propósito, faleceram em idade avançada. Seus primeiros filhos foram gêmeos ou trigêmeos e desde então, há mais de 55 anos, ela cultua Cosme - Damião e Crispim – Crispiniano. Ela faz sua festa duas vezes no ano, no dia 06 de janeiro (dia de Reis) e 25 outubro, data de celebração de Crispim e Crispiniano pela igreja católica.

O caso de Dona Caçula é de herança familiar. Sua avó, Dona Lalu, iniciou o culto em terras do Iguape, região quilombola de Cachoeira. Após seu falecimento filhos, filhas, netos e netas assumiram o compromisso legado. Apesar de serem uma família grande e unida, Dona Caçula é a liderança principal, pois além da dedicação à festa dos Cosmes e erês, é ela quem assumiu o posto de zeladora do terreiro de umbanda que também era de sua avó, cumprindo com a missão administrativa e espiritual do espaço.

2.1.1. De reza, samba e caruru

É 26 de setembro⁴⁴ e a casa de Seu Tito está de portas abertas. Está cheia de vizinhos, vizinhas, familiares, crianças. Uns cortam quiabos, outros trazem grades e grades de cerveja e garrafas de refrigerante, uns cuidam das flores, outros da comida. A casa está numa grande folia, em clima de festa. No dia 27 de setembro é dia de comemorar! É dia de Cosme e Damião; nasceu seu Tito Francisco, também conhecido como Seu Purrão; é dia de celebrar com reza, samba e comer caruru.

Seu Tito nasceu de parto natural, em casa, no ano de 1930, filho de Dona Cleuza e Seu Sebastião, moradores do Engenho da Vitória. Sua mãe era dona de casa e seu pai artesão. Como religiosa e seguindo um princípio social que parir o filho no dia dos santos gêmeos é sinal de ter que festejá-los, sua mãe tratou de iniciar seu culto a Cosme e Damião, dando caruru todo ano para celebrar o nascimento de seu filho.

⁴⁴ Observação participante da festa de Seu Tito realizada nos dias 26 e 27 de setembro de 2014 e 2015. As entrevistas foram desenvolvidas nestes dias e em outros dias durante os citados anos. A festa de Seu Tito acontece todos os anos assiduamente no dia 27 de setembro. Outras festas comumente são transferidas para o final de semana mais próximo quando caem em dia de semana.



Foto 13: Seu Tito e vizinhas em trabalho coletivo no corte dos quiabos para o caruru. Crédito: Autoria própria.

O culto começou no Engenho da Vitória, onde sua mãe celebrava os gêmeos em plena devoção, com caruru, rezas e festejos de aniversário. Quando doente a mãe pediu ao filho que mantivesse o compromisso do culto aos santos após a sua morte, pedido este abraçado com inteiro vigor. Seu Tito e Dona Cleuza, sua esposa há 40 anos, católicos rigorosos e praticantes, assumiram a celebração vindo realizando os festejos desde 1977. O culto aos santos gêmeos, portanto, foi transmitido entre as gerações; Seu Tito assumiu seu cargo como filho herdeiro e bendito que nasceu exatamente na data que se celebra os santos.

A festa de Seu Tito é hoje uma das maiores da cidade de Cachoeira. Por longos anos ele celebra numa grande comemoração, com caruru e bebidas para quem quiser chegar. É fartura e banquete para celebrar a vida, agradecer, orar. Com ele comungam em fé uma legião de devotos, numa partilha fervorosa e cúmplice de zelo e oferta de si para a organização do rito festivo.

Ele ganha quiabos de compadre, as vizinhas dedicam suas manhãs e tardes da véspera e do dia da festa cortando quiabos e ajudando a dona da casa na produção das comidas, um vizinho se concentra na ornamentação do altar que abrigará os santos. Enquanto isso as crianças brincam felizes, curiosas, contentes com todo o burburinho e movimentação instalados na casa. A aura é peculiar. Os muitos sons se misturam ecoando um barulho de furdunço da panela batendo, mulheres conversando, um grito de lá, outro chama de acolá. O cheiro especial exala e denuncia que na comida tem dendê.

Muitas mulheres se concentram na garagem da casa para cortar os quiabos. Cada uma tem alguma história com Cosme e Damião. Duas delas, Ivana e Itana, parentes, são filha e neta de uma devota fervorosa dos gêmeos, Dona Ivone, mãe de várias barrigas de gêmeos, que também integra esta pesquisa⁴⁵. Outra, Dona Dadá, também faz festa por ter nascido no mês de setembro, especificamente em 05 de setembro.

Cada pessoa tem um relato próprio, uma concepção de quem foram Cosme, Damião, Ibejis, Doum, o porquê da festa, do culto. Dona Dadá, por exemplo, conta que “faz seu caruru porque nasceu no mês do santo e por devoção. No seu caruru não tem matança, nem nada dessas coisas”. Ela afirma com veemência que Cosme e Damião eram gêmeos, um médico e o outro advogado, “almas-gêmeas”. Para ela, como para um consenso coletivo, “nascer no mês de setembro é sinal de ter a benção dos santos gêmeos e por isso precisa ser devota dele, de preferência fazer caruru”.

Ivana traz a informação que sua mãe faz caruru porque era “mabaço” e teve várias barrigas de gêmeos, trigêmeos, sendo “obrigada” a fazer caruru para Cosme e Damião. “Na crença de São Cosme e São Damião quem tem filho gêmeo ou mabaço tem que ser devoto de Cosme e Damião”. Para ela mabaço é diferente de gêmeo, sendo mabaços os que nascem de placentas diferentes. Itana, sua sobrinha, afirma que Cosme e Damião “não eram gêmeos e sim mabaços”... “Um nasceu num dia e o outro no dia seguinte”.

Uma outra devota afirma que “na família de Cosme houveram outros filhos (irmãos), mas que eles morreram. Ficaram três: Cosme, Damião e Doum. “Doum não tem ciúme da festa porque ele também é chamado: é festa de Cosme, Damião e Doum”.

O dia da festa, 27 de setembro, começa com queima de fogos. Foguetes acordam o bairro do Caquende anunciando que é chegado o dia de Cosme e Damião. O rito católico-romano dos santos na cidade, que já passara pela Igreja dos Remédios, Igreja da Matriz, ocorre desde 2006 na Igreja do Caquende. Bairro de tantos devotos e devotas dos santos gêmeos, com grande número de culto doméstico com oferta de caruru, a festa da igreja se assentou e consolidou num lugar especialmente propício.

Às sete horas da manhã acontece a missa. Como católicos engajados e atuantes, Seu Tito e sua esposa são um dos organizadores do evento. Como na dinâmica da festa da casa do casal, a missa também conta com a participação da comunidade. O padre realiza um ato litúrgico especial, com homenagem ao Seu Tito que aniversaria. Ao final

⁴⁵ Sobre Dona Ivone no subcapítulo 2.1.2. Neto de São Roque. Filho de Santa Bárbara e Senhor Ogum.

da celebração ocorre nas instalações da igreja um café da manhã coletivo, no qual alguns membros da comunidade cumpre com a missão de levar um prato, tendo variedades de cuscuz, beijus, mingaus, mugunzá, pão, queijo, café, sucos, leite. Uma fartura típica! Além da refeição matinal, são distribuídos para as crianças, pela família de Seu Tito, pacotes com doces, pipoca e outras guloseimas. As crianças, satisfeitas, começam o dia.

Após a missa e confraternização comunitária, as mulheres voltam para casa para trocar suas roupas e irem à casa de Seu Tito concluir a corta dos quiabos. Todas retornam à roda iniciada no dia anterior e ali falam de assuntos diversos, resenham as festas de um e outro que já aconteceram no bairro, cantam, fazem piadas, sorriem. O dia que começou cedo com a missa segue longo e dedicado. Pode ser dia de feira e as donas de casa não se preocupam. Aquele dia está dedicado a Cosme e Damião. Algumas se revezam e ficam entre os afazeres do lar e a missão com os quiabos.

Após o dia intenso, a família chegando, Seu Tito recebendo felicitações e visitas de tanta gente, é chegada o anoitecer. Tudo se movimenta para a hora da reza. As pessoas seguem para se arrumar, a casa está pronta, a comida com um cheirinho ímpar, o altar com os dois santos e flores aguarda a hora de acender as três velas brancas⁴⁶ e abrir a noite.

Por volta das dezenove horas sete crianças sentam à mesa da cozinha e se inicia uma cantoria para que elas comam o caruru. Com cantos, palmas, risos se inicia a roda da celebração. As crianças comem em seus pratos ao redor de um bolo confeitado e decorado com as imagens de Cosme e Damião. Depois de comerem lhes são dados pacotinhos com doces e pipoca.

Terminada a roda das crianças as pessoas se deslocam da cozinha para a sala de estar, primeiro ambiente da casa que fica de frente para a rua. Nesta parte da casa está o altar, devidamente florido, com as três velas ainda apagadas e as imagens dos santos. Algumas pessoas que chegam à casa param em frente ao altar e se entregam em reza, íntima, silenciosa, fazendo os seus pedidos pessoais.

As senhoras rezadeiras se organizam para iniciar o rito. As velas são acesas. Com concentração, algumas pessoas de olhos fechados em profunda conexão, religiosas, amigos, comunidade rezam o pai nosso, a ave Maria e fazem uma cantoria com os benditos dos santos. O ritmo é próprio das cantorias religiosas populares, num

⁴⁶ De certo representativas de Cosme, Damião e Doum.

tempo próprio, como um clamor musicado típico das rezas cantadas do catolicismo popular.

Há cantos em latim e outros numa linguagem muito específica, com letras que promovem o encontro entre Cosme, Damião, Doum, as matas, São Jorge, São João, São Roque, Santo Antônio. Muitos santos parecem terem sido contemporâneos e/ou são ligados por laços de parentesco pelas letras cantadas. São Roque é avô de São Cosme. Santa Bárbara é a mãe. São João às vezes é o pai. E por aí segue, numa genealogia criada pela criatividade popular.

Se inicia pedindo a benção, canta para os santos relacionados aos gêmeos, canta o Aleluia. Em determinada parte da reza ocorre a “incensação”⁴⁷, quando o incenso de mirra, benjoim, alfazema e outras essências, em incensário improvisado com lata de leite, é aceso e esfumaçam a sala e o altar. Como na maioria das rezas católicas, há um canto específico para incensar o ambiente. Depois de tudo se encerra com pedidos de graças, mais pai nosso, ave Maria e um salve em alto tom com “vivas” à Cosme e Damião, Seu Tito e o povo de Deus: “Viva Cosme e Damião!!! Viva!!! Viva Cosme e Damião!!! Viva!!! Viva Cosme e Damião!!! Viva!!! Viva Seu Tito!!! Viva!!! Viva o povo de Deus!!! Viva!!!”. Os foguetes estouram.

Na cadência da reza se inicia o samba, numa transição quase imperceptível se as pessoas não entrassem em folia e entoasse o pandeiro concomitantemente. Do bendito se passa para um pedido de licença a São Cosme para sambar... “Ô São Cosme que está no altar, dê licença pra eu sambar, dê licença pra eu sambar, dê licença pra eu sambar / Ô glorioso São Cosme que está no pé do altar ajuda a dona da casa que está em primeiro lugar... ajuda eu São Cosme! ajuda eu São Cosme!”. Na roda do samba as pessoas seguem primeiro para o altar onde estão os santos, se benzem e depois iniciam sua dança. Uma reza para os santos em clima de samba ou um samba em clima de reza.

Na folia até as velas dançam com o vento. Suas luzes ficam em frenético movimento, balançadas pelos vultos das pessoas que se aproximam, se curvam em pedido de benção e sinal da cruz e giram à sua frente. Durante o samba circulam entre o povo vasilhas e bandejas com pipoca. Algumas pessoas comem em fé, outras lançam sobre a cabeça do povo, fazendo uma chuva de “flores brancas”⁴⁸ que “derrama

⁴⁷ Expressão utilizada para o momento do incenso nas rezas domésticas e missas na igreja.

⁴⁸ Expressão popularmente usada para as pipocas brancas utilizadas em rituais religiosos, especialmente relacionadas a São Roque no catolicismo e Obaluaiyê no candomblé. Atribui-se a elas o poder de curar doenças e feridas. Em algumas versões populares da história de Cosme e Damião diz-se que os santos

bênçãos”. Outras pessoas começam a distribuir pacotes com doces e pipocas industrializadas, iguais aos distribuídos pela manhã após a missa. Tudo vira canto, dança, palmas, pipoca, doces sob a batida de pandeiro e atabaque.

Na festa de Seu Tito o santo não come. Dona Cleuza, esposa e anfitriã, nos fala que

[...] a festa é sem preceito. Não tem nada de botar nos pés do santo. Não tem nada, nada, nada. É um aniversário! A hora que chegou, se alimentou e está tudo bem. Santo não come... ali é uma imagem e ele está lá no céu, né? A gente sabe disso!

O santo não come aqui, mas na festa tem caruru! Não tem comida no pé do santo, não tem oferenda, mas o povo come em fartura. A comida é caprichada! O tempo se incumbiu de deixar Dona Cleuza e quem com ela faz a comida com a competência apurada para fazer as iguarias afro-baianas. No prato tem caruru, vatapá, arroz branco, xinxim de galinha, ovo cozido, banana da terra frita, farofa de azeite, feijão fradinho, feijão preto.

O caruru existe na festa hoje sem muita explicação ontológica. Ele participa porque assim Seu Tito recebeu de sua mãe e, conforme convenção social estabelecida, “quem nasce no dia do santo deve dar caruru, mesmo que não seja de preceito”.

A felicidade, contentamento, estado de glória e reza é geral. “Essas coisas só se vê em Cachoeira”, diz uma presente ao tentar ilustrar sua sensação e estado de impressionada com a beleza da festa. A reza, o samba, a pipoca, os doces, o caruru, tudo é mágico, envolto num campo sensorial de cheiros, sons, sabores, imagens.

Após toda a reverência a Cosme e Damião ocorre um sambinha de quintal, muito caruru para um número grandioso de gente, o parabéns para Seu Tito, que participa de tudo até então como coadjuvante; a missa, os preparos, o altar, a reza, tudo até então gira, prioritariamente, em torno dos santos. Sempre com sorriso largo, feliz e bem receptivo, Seu Tito na dinâmica da festa é um mero aniversariante até o samba para os santos. Após o samba que ele toma a cena e ocupa o lugar de ator principal, recebendo a todos para comer, beber e prostrar. O profano é seu. O sagrado é de Cosme e Damião.

gêmeos eram netos de São Roque, estando presente, portanto, em alguns dos seus cultos a pipoca e o mugunzá como reverência a seu avô. Dona Ivone no item 2.1.2 apresenta esta genealogia em seu relato.

2.1.2. Neto de São Roque. Filho de Santa Bárbara e Senhor Ogum



Foto 14: Dona Ivone. Crédito: Autoria própria.

“Conforme o bendito, quem tem gêmeos e não quiser festejar, no céu não há de entrar”, afirma Dona Ivone, 88 anos, mãe que teve várias barrigas de gêmeos e trigêmeos. Desde a primeira gestação decidiu que seria devota de Cosme e Damião, fazendo grande festa pública há mais de 50 anos. “São Cosme lhe dá tudo o que quer”. Ela acredita que os gêmeos são netos de São Roque e filhos de Santa Bárbara com Senhor Ogum. Por conta do avô dos santos, além de caruru ela oferece mugunzá e pipoca durante o dia de sua festa.

Um dia antes da festa ela faz uma oferenda aos “escravos” de São Cosme.

2.1.3. Uma festa para os erês

É dia de Cosme e Damião e o Sítio Dona Lalu está com uma multidão de gente. As crianças da comunidade do Iguape, com suas mães, pais, tias, tios, irmãos mais velhos vivem um dia especial de celebração aos “Cosminhos”. Um grandioso cenário com parques, barraquinhas de algodão doce, pastel frito na hora e outras guloseimas é montado para comemorar o dia.

Na cena também são montadas algumas tendas com brinquedos para as crianças se aconchegarem; brinquedos disponíveis no espaço proporcionam brincar de bola, perucas coloridas fazem a cabeça das mais extrovertidas. Para os adultos se iniciou em 2015 um espaço para sua “ocupação”, proporcionando assim que eles se concentrem enquanto as crianças se divertem. Ao final da festa as crianças ganham kits presente, sendo personalizados para meninos e meninas. Nos kits tem caminhões ou caçambas, bolas, bonecas, alguns jogos, além de produtos de higiene, tais escova e creme dental, toalha de banho, etc.

Dona Lalu, nome que carrega o sítio, já faleceu, mas seu legado é perpetuado por filhos, netos e bisnetos. Ela era descendente de indígenas no engenho do Iguape, zona rural quilombola de Cachoeira, parteira requisitada na região.

Foi Dona Lalu quem também iniciou a festa para Cosme, Damião e erês há 61 anos. Em 1955 nasceu no dia 27 de setembro sua neta Olgaci Damiana dos Santos Suzarte, em casa, no Iguape/Cachoeira, tendo o parto sido feito por ela, a avó.

Dona Lalu possuía estreita relação com muitos encantados erês, dentre os quais a Damiana, “menina sabida” que manifestava na matriarca da família muito antes da Olgaci Damiana nascer. Com o nascimento da neta no dia de Cosme e Damião, no entanto, a Dona Lalu iniciou seu compromisso sagrado de fazer a “festa dos Cosminhos” todo ano com caruru, doces e crianças. Os erês que habitavam o universo da “mãe de todos” ganharam festa. E a festa foi crescendo, crescendo, crescendo...

No começo a avó fazia a festa na Gruta, local sacralizado no Iguape onde se cultuava os orixás e entidades da família. Damiana, encantado criança que se manifestava em Dona Lalu, se divertia à beça nessa celebração. Quando ela chegava em tempos de Dona Lalu era a maior folia, a brincadeira com as crianças se esquentava e a festa ia até tarde da noite. Com muito caruru, reza, danças e samba, as entidades crianças e erês viviam um dia de glória.

Para quem faz este culto não há uma distinção muito clara sobre quem são os Ibejis, Cosme, Damião, Crispim, Crispiniano, Crispina, Damiana, etc. Eles integram a legião de encantados crianças e são festejados em um universo peculiar da infância.

Há vinte anos se inseriu na festa a oferta de brinquedos. Tais presentes se deram com a intervenção dos netos, geração que adotou o compromisso da avó e tem perpetuado o seu legado até hoje.

Em junho de 2011 a Dona Lalu faleceu, aos quase 98 anos. Faleceu de velhice, sem complicações de saúde, tendo cumprido sua missão com esmero e deixado

sucessores aptos a dar continuidade ao seu legado. Com a sua morte a neta Dona Caçula assumiu a liderança espiritual e tem se dedicado a orquestrar o caruru dos Cosminhos e erês.

Hoje a festa já não conta com a presença das entidades durante toda a sua realização, mas em momentos específicos, sem uma determinação se virão ou não. Damiana, inclusive, nunca mais veio após o falecimento de Dona Lalu. A família suspeita que uma erê que anda manifestando em uma das pessoas seja ela retornando, mas ainda não se tem certeza.

Em 2014 a festa se deu com a parte para as crianças durante o dia e no entardecer, a partir das 17h, começou os festejos religiosos, com a oferta do caruru, toques, rezas e a chegada das entidades crianças. Em 2015 a dinâmica já foi diferente, com a festa das crianças e caruru numa mesma ciranda. Não teve toques nem rezas, apenas as crianças comeram o caruru antes do mesmo ser oferecido ao público, durante a tarde, em meio às brincadeiras.



Foto 15: Roda de caruru das 7 crianças em Dona Caçula. Crédito: João V. de Moraes Filho.

As sete crianças, sentadas no chão sobre um pano branco, com seus devidos pratos descartáveis também brancos, comeram seu caruru sem ritualística específica. Foi posto o prato e convocadas as sete crianças, que comeram envoltas de uma multidão de

gente que beirava a mesa no aguardo de seus pratos, os quais seriam servidos logo as crianças acabassem a sua missão.

Os santos no culto não comem, não se faz matança de animais, mas o caruru é de preceito. Não há também um formato do culto, pois a cada ano o mesmo acontece de uma maneira específica. Segundo Dona Caçula o culto realizado por eles “não segue padrão definido e sim a orientação dos santos, que sabem como querem sua festa”. As variações na saudação aos santos também acontecem, pois “tem festa que a gente faz saudação com três canções; tem festa que a gente faz com uma só, saúda a todos. Hoje mesmo a gente saúda a todos e depois faz o samba dos erês” (depoimento de Dona Caçula em 2014).

Conforme nos relata Dona Caçula em entrevista concedida em 2014,

Minha avó sempre disse assim: “Olha, se a gente tem o orixá e ele quer que as coisas sejam feitas à maneira dele e não à nossa maneira, tem que ser respeitado”. Então a gente teve essa formação e a gente continua seguindo a orientação deles. Os caboclos, os erês, eles dizem a cor que eles querem da festa. O ano passado eles disseram que queriam uma chuva de arco íris aqui e aí nós fizemos o arco íris com bolas. E aí eles dizem que quer que toda criança seja bem tratada, “não quero ninguém reclamando com as crianças que cheguem aqui. Se elas bagunçam, deixem bagunçar que a festa é minha, não é sua”.

Dona Lalu fazia tudo com todo zelo e bondade, deixando como lição para as gerações sucessoras que

[...] tudo que a gente fizesse fosse de amor no coração; que a gente nunca perdesse de vista isso. Nunca perdesse de vista a caridade, a bondade com as pessoas, que a gente nunca cobrasse nada de ninguém, que qualquer pessoa que batesse à nossa porta a gente atendesse e nunca cobrasse nada por isso (Dona Caçula, 2014).

Além de manterem o culto a Cosme, Damião, erês e encantados, a família também está iniciando a construção da Escola Comunitária Dona Lalu. Esta escola abrigará um centro de estudos, biblioteca, brinquedoteca. Este é um projeto que está sendo construído com todo o empenho familiar, assim como o é as demais ações. Com mutirões de construção, rifas, bingos, almoços beneficentes a família tem mobilizado diversos atores para a cooperação nesse empreendimento solidário e social. Mais um fruto das lições deixadas pela avó.

2.2. AJUDA EU SÃO COSME

Meu glorioso São Cosme
Que está no pé do altar
Ajuda a dona da casa que está em primeiro lugar...
Ajuda eu São Cosme! Ajuda eu São Cosme!
(Canto de domínio público)

Um presente dado espera sempre um presente de volta
(MAUSS, 1974).

“Quando a gente percebe que a causa não é mais nossa, recorre aos santos”, diz uma devota de alguns santos protetores. “Para resolver os problemas há sempre um santinho que nos acode”. E São Cosme e Damião é um desses, irmãos, reconhecidamente gêmeos, agraciado pelo gosto popular por suas histórias de caridade, generosidade, afeição às crianças e médicos.

Recorrer aos santos quase sempre implica em fazer uma promessa: o crente pede, o santo ajuda e tendo o pedido acatado quem pediu cumpre com seu acordo, que varia com o perfil do santo, as condições financeiras do devoto, da causa, dentre outros. Há quem distribua os “santinhos”, encomende uma missa, coloque fotos em espaços sacralizados e de culto do santo, caminhe em romaria, suba escadarias, faça algum sacrifício, ofereça banquete com a comida que alimenta e agrada o santo, como é o caso de Cosme e Damião, que no contexto em estudo come caruru.

O fato é que “um presente dado espera sempre um presente de volta” (MAUSS, 2003) ou, como disse São Francisco de Assis, “é dando que se recebe”. As narrativas em estudo neste ponto do texto se assentam nesta lógica entre o dar, o receber e o retribuir, num rito de fé, gratidão, coletividade, devoção, troca e reciprocidade.

As histórias de promessa e devoção, no geral, possuem um enredo fantástico. As narrativas começam com alguma demanda que precisou de um milagre, uma intervenção divina, uma resposta que transpõe o plano físico, pairando o metafísico. Envoltos numa fé motivadora que alimenta o ritual, quem inicia o culto e tem seus pedidos aceitos cumpre com um ciclo de zelo com total gratidão. O santo adentra os lares e com os devotos convivem. Há relatos de brigas e cobranças entre santo e devoto, numa relação de intimidade e certeza que eles andam presentes na vida cotidiana.

Uma devota, por exemplo, conta que passou a cultuar Cosme e Damião há mais de 50 anos. Ela não tinha casa própria e daí pediu para eles lhe dar uma casa. Eles deram! Depois a casa ficou pequena para a festa deles e ela lhes pediu para conseguir fazer um espaço anexo para a realização dos festejos, o qual também foi concedido. Depois do anexo ela pediu para comprar uma *freezer* para guardar os frangos da festa. Pedido também realizado! A relação por ela narrada é de familiaridade, presença cotidiana dos santos em sua rotina, brigas e cobranças por pedidos não respondidos e/ou castigos dados pelos santos à ela por não ter cumprido com algum acordo ou promessa. Uma relação íntima de troca e reciprocidade.

As histórias que seguem elucidam essas questões. As duas narrativas de promessa e culto foram motivadas por necessidades urgentes. Pedido aceito, vínculo estabelecido, os santos se integraram à rotina e vidas familiares. Com eles as devotas mantem total diálogo e uma delas até identifica características arquetípicas que lhes aproximam, como se além da fé e da causa houvessem afinidades “pessoais” que lhes provocam simpatia.

2.2.1. Pagãos, santos e crianças

Ela é do Rio de Janeiro. Ele é da Bahia. A mãe dela é uma mulher de fé, sempre foi religiosa. Há muito tempo é devota de Cosme e Damião e no dia deles dava brinquedos e doces para as crianças nas ruas do Rio; pedia folga do trabalho e levava sua filha contigo para esta missão. O pai dele desde criança o levava para o candomblé, ainda que não fossem da religião. Ele tinha problema de saúde e seu pai recorria às divindades africanas para cuidá-lo. Em mês de setembro ele vivia muitas festas dos gêmeos em terreiros de candomblé, onde comeu muito caruru.

Em certo momento da vida ela foi morar na Bahia. Morou por um tempo em Salvador na casa de um tio que é pai de santo. Ele, de Salvador, morava em Cachoeira, terra de seu pai e onde vivia grande parte de sua família paterna, dentre avô, avó, tios, primos. Os universos distintos se encontraram, se coadunaram e nasceram deles, Urânia e Zezinho, duas filhas.

Casal jovem, católicos praticantes, tendo adotado Cachoeira como seu lugar para viver, tiveram a primeira filha com problema de saúde, com epilepsia e recorrentes

crises convulsivas. Na busca pela recuperação da primogênita Cosme e Damião retornou aos caminhos dos dois. A mãe de Urânia, que já tinha uma história com os santos e que sempre fizera o caruru sem uma continuidade, só oferecendo ocasionalmente quando conseguia alguma benção, lhe incitou a fazer. Em 2010 se iniciou o ciclo de fé e culto doméstico.

O culto tem um fim específico: a saúde da filha. Cosme e Damião lhes abençoa e o caruru se estabeleceu como um compromisso familiar. Eles deram o caruru em pedido, o qual foi atendido pelos santos e eles retribuem num ciclo contínuo de caruru anual, sempre no dia do santo. O vínculo está estabelecido! Hoje os pais fazem e amanhã Urânia incentiva que suas filhas deem continuidade; ensina-lhes como faz a comida e todos os preceitos por ela aprendidos.

Além de Cosme e Damião, Urânia possui altar doméstico com imagem de muitos santos protetores, tem Santo Antônio, São Roque, Santa Bárbara, Nossa Senhora Aparecida, dentre outros. “A gente costuma sempre que está em desespero recorrer aos santos e aí eles ajudam a gente. São Cosme por ser criança e o povo diz que sou um pouco moleca... aí se encontra, né?”. O santo gêmeo se afina com a devota em características arquetípicas. “São Cosme é criança e ela tem jeito de moleca”; as afinidades lhes aproximam, as bênçãos são alcançadas.

A filha, “graças a Deus”, depois que foi feita a promessa e se iniciou o culto aos gêmeos nunca mais manifestou o problema. Os santos, que segundo Urânia e Zezinho “eram médicos e faziam caridade”, ouviu o pedido do casal, que carregam uma fé sobrenatural a eles apesar de pouco saberem sobre suas existências.

Pouco também eles dizem saber sobre o fazer do culto. Como uma colcha de retalhos de remendos e inventos, eles fazem sua festa a partir do que ouviram falar, do que lembram das memórias da infância e inventam a partir do que a intuição diz como deve ser feito. O que lhes vale é a fé!

Cada ato, cada item, cada detalhe do ritual é movido pelo amor e cumplicidade do casal. A produção da comida é quase solitária. Urânia corta os quiabos e faz a comida praticamente sozinha, iniciando seu processo desde a véspera da festa. Zezinho se encarrega das missões externas e é quem faz a oferenda aos “pagãos” dos santos na rua.

Ensina para Urânia que cada comida no caruru representa um orixá e assim ela o faz. Apesar de não ter conhecimento dos fundamentos do candomblé, ela vem de uma família de pessoas que são. Zezinho também conviveu superficialmente com o

universo, o que lhe atribui alguns conhecimentos do rito e com isso eles costuram sua festa. Segundo Urânia,

o fundamento que as pessoas conhecem [do candomblé] eu já não conheço. Aí eu vou fazendo o que me ensinam. Tem muita coisa que em outros carurus não tem e que no meu eu coloco porque me ensinaram colocar. **Me ensinaram que aí eu tenho que oferendar a todos os orixás, então cada comida representa um orixá** (grifo nosso)... A pipoca, por exemplo, é a flor do “velho”⁴⁹ e eu tenho que colocar o coco por causa de Nanã. Aí vão me ensinando e eu vou fazendo. É coisa boa! Graças a Deus a gente vai conseguindo as coisas que a gente tá pedindo.

[...] O candomblé é isso mesmo, né? Uma religião que é passada oralmente. Não tem nenhum livro que ensine. É de casa para casa. De praticante para praticante. A gente pega um pouquinho de um, um pouquinho de outro e vai criando o nosso...

Além do caruru, em 2014 Urânia iniciou a oferta de doces e brinquedos para as crianças. Uma introdução de elementos que remetem à sua infância carioca, onde o Cosme e Damião de doces e brinquedos se reavivam para compor sua miscelânea de dandê, guloseimas e utensílios de brincar.

O dia 27 de setembro para Urânia é dia de fogão. Ela passa o dia, sozinha, cozinhando as iguarias. Seu marido fica na assistência, sai para comprar o que falta, organiza a casa, dentre outros. Comida pronta, ela aguarda esfriar um pouco e organiza tudo em palha de bananeira para oferendar aos “pagãos de São Cosme”, os pagãos são como os escravos, as entidades da rua, que como Exu e Doum comem primeiro.

⁴⁹ O velho trata-se do orixá Obaluayê. Também conhecido como São Roque no catolicismo.

Pratinho devidamente pronto, na palha, segue Zezinho de carro para um lugar da natureza, com árvores e verde, para oferecer a comida a tais pagãos. Encontrado o lugar, ele o limpa, se curva em reza, se concentra e depois, após três idas e vindas com a comida ao chão, a arria finalmente. Ao lado da comida ele coloca uma vela branca sem acender, pois caso acenda poderá causar um incêndio na mata. Sobre a oferenda Urânia esclarece que “é uma coisa mais nossa... chegou, coloca, agradece. A gente leva a comida na folha de bananeira como compromisso com o meio ambiente e assim também fazemos ao não acender a vela no mato”.



Foto 16: Oferenda da família de Urânia e Zezinho. Crédito: Autoria própria.

Entregue a comida aos “da rua”, as quatro⁵⁰ quartinhas dos santos. O casal coloca a comida no pé do santo, acende as três velas, reza, agradece. Além dos pais, a filha que motiva a devoção também participa da reza.

Na comida da rua e do santo não há frango, pois ela não faz matança. Segundo relato,

[...] tanto na comida que vai pra rua quanto a do santo eu não coloco frango porque o meu frango eu não faço matança. Então eu coloco um ovo, um ovo inteiro. Me ensinaram que para colocar no santo eu teria que matar.

O ovo substitui a presença do frango, como se no primeiro estivesse a vida latente. O frango abatido sem a intenção específica ou sem o sacrifício com sangue não

⁵⁰ Quatro quartinhas para Cosme, Damião, Doum e Crispina, a quem a anfitriã também tem devoção.

cumpriria aqui com a missão de alimentar o santo, que se nutre da energia dos alimentos oferendados.

Portanto, na comida da rua e dos santos vai o ovo, caruru, vatapá, farofa de azeite, arroz branco, pipoca, coco, feijão fradinho, feijão preto, abóbora, inhame, acarajé, abará, rapadura, banana da terra frita, jujuba, bombons, pirulito. Para as crianças e convidados se acrescenta o frango, de xinxim.

Após os pagãos e os santos, por volta das 17 – 18h, a família ainda entre si, convoca na rua algumas crianças para compor o ritual das sete crianças que comem na sequência. A família, entre filhas e sobrinhos, quase completa os sete, são cinco em verdade. Da vizinhança são convocadas mais duas.

Sentadas à mesa, os pratos devidamente dispostos à sua frente, Urânia tenta improvisar uns cantos de reverência aos Cosmes... “São Cosme mandou fazer duas camisinha azul... como é mesmo? Canta aí mãe! Alguém sabe alguma música?”. As crianças sabem a música, mas tímidas não assumem a cantoria. Uma delas canta baixinho, sussurrando... “São Cosme mandou fazer duas camisinha azul, no dia da festa dele São Cosme quer caruru”.

Após a cantoria arranjada de uma ou duas músicas as crianças comem caladas. Algumas estão sem fome, outras comem satisfeitas. Depois do caruru elas ficam avexadas no aguardo dos brinquedos prometidos. Enquanto não ganham elas permanecem ansiosas, rodeando o espaço que estão guardados na expectativa de seus presentinhos prometidos. A dona da casa não deseja dar logo para que não quebrem ou percarn enquanto brincam, mas é vencida pelo cansaço; ela dá os brinquedos e doces e a satisfação das crianças é geral. Estas olham seus saquinhos curiosas, escolhem por onde começar a devorar os doces, brincam, correm, sapecam até findar a festa e terem que se recolher para suas casas.

Após a roda das crianças já é noite, os convidados vão chegando, são amigos da família. Eles comem, conversam, bebem. Apesar de não ser grande festa para quem quiser chegar, alguém que por acaso passe em frente a casa e se sinta atraído para comer o caruru será bem recepcionado, terá sua iguaria oferecida.

No altar há disposta uma caixa com velinhas de Cosme e Damião para que os convidados possam acendê-las. Numa partilha do culto, as pessoas podem ir naquele templo, regado de caruru, imagens dos santos, refrigerante, água, velas, fazer a sua fezinha, orar, fazer seus pedidos e acrescentar a sua luz naquela trama de orações.

Ao acabar a noite mais um rito se conclui, a família cumpre com sua promessa. Como num *continuum* que se retroalimenta, no ano seguinte terá mais. Cosme e Damião virão comer seu caruru... a família se fortalecerá mais e mais em sua fé... a filha terá a saúde garantida... a comunidade participará deste banquete coletivo e partilhado. Enquanto isso, as velas não se apagam. O altar, com tantos santos, se mantém iluminado com vela de sete dias e agraciado com flores, que alimentam os protetores e demonstram a afeição deste casal zeloso.

Durante o ano Cosme e Damião são católicos. No dia da festa deles eles são católicos que comem e partilham sua comida com os Orixás do candomblé, além de brincar com influência marcante da umbanda, presente nos doces e brinquedos das crianças. As fronteiras do sagrado se borram e a religião se reafirma viva e dinâmica.

2.2.2. Vela acesa por toda a vida

“Era um festão, com samba de roda, com foguete, com tudo”. Assim descreve Dona Cleonilce, popularmente conhecida como Mainha, 67 anos, que é católica não praticante e simpatizante do candomblé, a sua festa de Cosme e Damião.



Foto 17: Dona Mainha em sua residência. Crédito: Autoria própria.

Ela, que é devota de muitos santos e que já fez promessa para alguns, dentre Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Candeias, Santo Antônio Categeró, diz

ser “de veneta”, não sabendo ao certo porque escolheu Cosme e Damião para lhe amparar na sua causa de fé. “Todos os santos me ajudam e dá tudo certo”.

Apesar de não saber ao certo porque se apegou a “Dois-Dois”, no seu altar e na sua relação de fé eles estão diretamente ligados à Santa Bárbara e Iansã, santas que herdou de sua mãe que era devota e assídua no caruru às “senhoras do fogo”. Todo ano dia 08 de dezembro sua mãe fazia “festão” para Santa Bárbara e Iansã. Iansã na mitologia africana é a mãe dos Ibejis; Santa Bárbara no imaginário popular é a mãe de Cosme e Damião. Os laços familiares estão ali estabelecidos. Mãe e filho “vivem” juntinhos em seu altar cultivado de flores e velas.

O seu “aperreio” começou quando desejou comprar um imóvel, um grande sobrado às margens do rio Paraguassu em Cachoeira, em frente às escadarias do cais do porto, na esquina do quarteirão da Praça Teixeira de Freitas, triangulado com frente para a praça e o rio. Hoje esse sobrado já foi vendido e comporta alguns bares e restaurante.

Nesse processo da compra do prédio ela viveu muitos transtornos, gastou muito dinheiro com advogado, já vivia “estressada da vida”. Num certo dia, quando ela percebeu que a situação já não era mais causa dela, que “não tinha mais forças para enfrentar aquilo tudo”, recorreu a Cosme e Damião para lhe ajudar. Pediu-lhe com fé e em troca lhe daria um imenso caruru. “Era apenas um! Mas seria daqueles de abalar a história deles na vida de Cachoeira”, diz ela. E assim foi! Pedido aceito, ela cumpriu com sua promessa. Fez um. E depois fez dois, três, quatro... sete. Cachoeira nunca mais esqueceu! Quando se fala em festa de Cosme e Damião na cidade sempre se ouve algo do tipo: “Festa boa era a de Mainha”. A festa acontecia no sobrado comprado, no seu imóvel agraciado pelos santos.

Ela foi fazendo o caruru por sete anos consecutivos mesmo tendo prometido que seria apenas um. Mas chegou uma hora que não aguentou mais. “Aí um dia eu disse: já chega, não vou tratar nada com comida. Só com luz e flores. Era muita comida, mais de 5.000 quiabos⁵¹, banda contratada de samba de roda, muita bebida”.

Assim como se diz de veneta para a devoção aos santos, também seria para o seu culto se não fosse a presença de Dona Ernestina, hoje falecida, que foi irmã da Boa Morte e adepta do candomblé. Algumas coisas Mainha fazia a partir de intuição, seguindo “a força da mente”, mas no geral era a Dona Ernestina quem orquestrava a

⁵¹ A quantidade de quiabos para o caruru sempre é utilizada como referência para dimensionar o tamanho da festa. 5.000 quiabos é uma quantidade para banquete imenso. A festa de Seu Tito, que hoje é uma das maiores de Cachoeira, faz com uma média de 2.000 quiabos.

feitura do caruru. Esta “sabia os fundamentos das coisas”. Ambas cultivavam entre si uma relação de mãe e filha. Dona Ernestina tivera sido grande amiga de sua mãe.

Para o caruru não se fazia matança e por isso ela diz que não era de preceito. Para ela o seu caruru era católico, ainda que feito para ser oferecido aos santos e com todo o apuro das casas de santo.

A festa de Cosme e Damião sempre foi do catolicismo. Ela é uma festa católica. As pessoas fazem caruru e colocam na rua porque querem ou porque aprenderam com a família e acham que tem que fazer assim... quem não muda de religião, quem não vai pros evangélicos, conserva as coisas que vai aprendendo.

O seu santo comia. Mesmo católico, ele comia! No seu ritual, sob rezas e incensos, ela colocava a comida no pé do santo e lá deixava por três dias. Após o terceiro dia ela despachava essa comida na rua. Deixava especialmente na Pedra da Baleia⁵², lugar sagrado para o povo de santo da cidade, onde se prestam reverências para Iemanjá. “O caruru de meus São Cosmes não era arriado em lugar de sujeira não! Era lá na Pedra, no Farol”.

Durante o ritual, após os santos quem comiam eram as crianças. Eram sete crianças, dispostas em uma mesa com seus respectivos pratos.

Quando decidiu interromper as festas e só alimentar seus santos com velas e flores ela o fez rigorosamente. Ela cumpre com seu compromisso assiduamente e segundo depoimento “eles andam muito felizes com ela, não lhe cobram nada”. “Tá aí, ó! Acendo luz de dia à noite. [...] Todo dia de manhã e de noite eu converso com eles”, relata sobre sua relação, que é de muita intimidade e diálogo. Ela acende as velas menores quase todos os dias, mantém uma de sete dias sempre acesa e as flores compra todo sábado. Esse rito se perpetua há mais de trinta anos. Um culto diário, permanente, profundo. Cosme e Damião com ela convivem cotidianamente.

No ciclo de seu culto o pedido foi realizado e a promessa cumprida. Com vínculo estabelecido, a devoção se eternizou e a devota deseja manter o seu santo sempre bem e alimentado. O segredo é mantê-lo satisfeito. O sagrado se mantém com a

⁵² Conta a história que Cachoeira recebeu muitos africanos para trabalhar escravizados nas lavouras de cana-de-açúcar e nos engenhos no período colonial. Da África a mãe Yemanjá ouvindo o lamento e clamor de seus filhos que em Cachoeira estavam se transformou em baleia e atravessou o Atlântico em direção ao som, chegando no Rio Paraguaçu... Quando avistou tantos africanos pensou estar na África. E por desejar estar perto de seus filhos ela não mais voltou, transformando-se a baleia numa enorme pedra no meio do Rio, a Pedra da Baleia. Muitos dizem a ouvir cantar, outros afirmam já a ter visto sentada sobre a pedra se olhando no espelho. Se ela existiu ou se habita ou não este lugar, o certo é que a fé dos herdeiros d’África lhe da vida e a Pedra da Baleia é um lugar sagrado de Cachoeira (SANTOS, 2012, pg. 19).

energia viva, com a luz acesa enquanto há vida e certeza que ela não anda sozinha, que os santos a acompanha e protege.

2.3. NA ENCRUZILHADA DO SAGRADO

São Cosme foi batizado. Bêji fara no ará aiyê uá.
Êua. Êua. Bêji fara no ará aiyê uá.
(Trecho de canto de domínio público)

Como chamou atenção em certa ocasião a Yalorixá Olga do Alaketu, orixás e santos da igreja [católica] no Brasil eram estrangeiros. Isso no seu entender significava o primeiro passo para o diálogo e entendimento de relações que não podiam ser reduzidas a algo superficial e externo (SOUSA JÚNIOR, 2011, p. 154).

Podemos dizer que o sincretismo, elemento essencial de todas as religiões, está muito presente na religiosidade popular, nas procissões, nas comemorações dos santos, nas diversas formas de pagamento de promessas, nas festas populares em geral. Constatamos que o sincretismo constitui uma das características centrais das festas religiosas populares. Nas religiões afro-brasileiras, o sincretismo é uma forma de relacionar o africano com o brasileiro, de fazer alianças como o escravo aprendeu na senzala e nos quilombos *sem se transformar naquilo que o senhor desejava* (João José Reis), nem ficar *presos a modelos ideológicos excludentes* (Kabengele Munanga) (FERRETTI, 2006, p. 127).

“São Cosme foi batizado”, afirma cantiga de domínio público que acompanha o ritual de oferenda da comida aos santos gêmeos apresentada por Luiz Magno⁵³, devoto dos mesmos e entrevistado para esta pesquisa. Além dos santos católicos terem sido batizados, “*Bêji fara no ará aiyê uá*”, o que, numa livre tradução, quer dizer “Bêji e nós (uá) que estamos, ou somos da terra, comemoramos”.

Na encruzilhada dos encontros entre santos católicos e divindades africanas no Brasil, num contexto onde a yalorixá Olga de Alaketu reafirma que todos eram estrangeiros, advindos de terras europeias e africanas, os batismos se processaram como movimento de interação e convivência entre os que na nova terra aportavam.

⁵³ Luiz Magno, 53 anos, é um cachoeirano típico religioso de herança familiar. A maior parte de sua família tem uma verve para a religião do candomblé e católica. Ele é filho de santo do Zogbodo Male Bogun Seja Undê, conhecido como Roça do Ventura, e traz na memória muitos cultos e festas à Cosme e Damião desde a sua infância. Nas suas narrativas orais ele nos apresenta cantigas, fundamentos e outros detalhes ricos do fazer a festa para os gêmeos.

Ora espontâneo, ora como estratégia política de resistência, comportamentos, formas de fazer e compreender foram forjados na cultura e religião afro-luso-brasileira desde os primórdios dos encontros e se perpetuam até então no imaginário e hábito popular.

Assertivas que soariam uma miscelânea desconexa e incoerente de várias influências em práticas da cultura e religião popular, fruto desses encontros, se revelam fundadas e coerentes quando se juntam as peças do enredo. Um novo enredo, em verdade, foi tecido nessa encruzilhada do sagrado e neste os serem divinos, independente da origem, partilham de uma mesma roda.

Ainda que discursos oficiais tentem desconstruir determinados paradigmas estabelecidos pelo povo, a força da oralidade e crença consolidada entre gerações não permite que determinados rituais sucumbam. Eles se reinventam, se ressignificam, mas não se anulam em detrimento de uma imposição política que se quer imperativa.

Na Igreja Católica Brasileira Cosme e Damião de Cachoeira, por exemplo, todo ano celebra seus santos patronos com oferenda de caruru na parte externa do templo. Como ordem institucional em festa de Cosme e Damião não tem ou não se justifica dar o caruru, mas a comunidade acredita que sim, que festa de Cosme e Damião tem que ter a comida e assim o faz. Como não pode fazer dentro, faz do lado de fora, num rito sagrado e profano, com caruru, samba e brincadeiras para as crianças. O pároco que lida com tal manifestação comunga da fé comunitária, apesar de ter que obedecer às regras da igreja. Diante da situação, da porta da igreja para a rua o caruru acontece, num rito de criatividade, ousadia e resistência popular.

Também no discurso oficial da igreja há correntes que contestam na hagiografia de Cosme e Damiano o fato deles terem sido gêmeos, ligados às crianças, dentre outros signos arquetípicos que os aproximam dos Ibejis da mitologia africana. No entanto, para o consenso oral, eles eram gêmeos, cuidavam das crianças e foram em África promover curas. Os africanos que no Brasil estavam se defrontavam em sua fé com um santo católico que teria ido à África (ou se quis crer que fora) curar epidemias e/ou pandemias que atormentavam seu povo.

A narrativa desta expedição africana dos santos católicos é muito similar à mitologia que conta a história dos Ibejis. De contos e pontos, portanto, uma história poderá ter sido inventada (ou adaptada) para justificar a fé e devoção dos africanos e seus descendentes a Cosme e Damião.

2.3.1. Da porta da igreja para a rua o caruru acontece

A igreja é católica brasileira, o santo não come, mas a comunidade quer dar caruru. Esta igreja nasceu de uma história de promessa e sonhos⁵⁴. Cravada no Alto do Cucuí, com bela vista da paisagem de Cachoeira, o Padre Roque, 83 anos, cuida de sua paróquia como um missionário aguerrido de sua fé. Ele chegou à Igreja Cosme e Damião muito jovem, por volta de seus 20 anos, e faz parte da história de sua fundação.

Cumprindo com os preceitos católicos dentro da igreja não se dá caruru nem se oferece aos gêmeos, mas é desejo da comunidade que se tenha a comida e por isso, todo o ano, durante os festejos dos santos padroeiros de sua paróquia, o caruru acontece nos arredores do templo

O caruru, na realidade, faz parte de dois ciclos importantes da agenda religiosa: no primeiro domingo do ano, quando os irmãos da sua irmandade abrem o ano litúrgico e em 27 de setembro, no encerramento da festa dos padroeiros. A comida, portanto, carrega em si sentidos de valor ímpar para a comunidade religiosa, acontecendo nos momentos mais importantes desta instituição.

Para o Padre Roque, responsável pela igreja, a presença do caruru é fundamental.

Festa de Cosme e Damião sem caruru muda a característica. Aqui dentro da igreja, oficialmente, não faz caruru. Mas aqui fora, o primeiro domingo do ano a Irmandade de Cosme e Damião da igreja oferece um caruru. Os irmãos abrem o ano com caruru. Na festa em setembro também tem. A juíza da festa se encarrega do caruru e os demais irmãos assumem as outras iguarias. [...] Mas tudo relacionado com o caruru como é tradicional. [...] **Tradicional por causa dos africanos que nos trouxeram isso** (grifo nosso)... a eles devemos o vatapá, a culinária deles é muito rica... e eles festejavam Cosme e Damião com caruru... e isso passou entre as gerações e ficou! (ROQUE, 2014)

O padre também conta que a devoção a Cosme e Damião em Cachoeira remonta ao período colonial. Ele conhece relatos de membros já idosos de sua paróquia que tiveram bisavós e tataravós que festejavam Cosme e Damião em casa, numa relação de, pelo menos, dois séculos atrás.

A chegada dos santos nas igrejas de Cachoeira, tanto na apostólica romana como na católica brasileira, é um fato relativamente recente, datando entre 1950 a 1965.

⁵⁴ Resumo detalhado de sua fundação no Anexo I.

Conforme apresenta, tudo começou quando Dona Eurídice Santana, professora, obteve uma graça especial de São Cosme e São Damião e quis doar para Cachoeira as imagens desses santos, pois não existia em nenhum de seus templos católico.

Em 1952 ela ofereceu essas imagens para a igreja católica apostólica romana. Tais imagens foram abençoadas na Igreja da Matriz Nossa Senhora do Rosário⁵⁵ pelo Monsenhor Fernando Carneiro e trasladadas da Matriz para a Capela de Nossa Senhora dos Remédios⁵⁶.

Tal capela, no entanto, foi desativada, permanecendo fechada por longos anos. Dez anos depois da doação das imagens pela Dona Eurídice, o senhor Macedo, funcionário público, passou pela capela e a encontrou aberta. Este senhor que andava em busca de um milagre ao se deparar com as imagens abandonadas e empoeiradas de Cosme e Damião disse: “Cosminho, vocês aqui cobertos de incrementos de morcego, teias de aranha, me ajudem a conseguir a minha transferência do trabalho para Cachoeira e eu construirei uma capela para abrigar as suas imagens”.

O pedido foi atendido em curto prazo de tempo. Segundo o padre não demorou oito dias para sair sua transferência e “após o milagre conseguido ele sonhou com os meninos mostrando aqui o Cucuí”. Em 23 de setembro 1962 foi a inauguração da Capela de Cosme e Damião no exato lugar onde os santos mostravam em sonho.

O Padre Roque, na época jovem dedicado, participou de todo o processo de aquisição do terreno, construção da capela, aquisição das imagens dos santos. As imagens a quem o senhor Macedo se referiu na Capela dos Remédios não pôde ser cedida para a nova capela de Cosme e Damião e por isso ele adquiriu novas exclusivamente para tal.

A chegada das imagens dos santos em Cachoeira foi orquestrada com grande festa e pompa. Chegaram em cortejo na Igreja da Matriz (católica apostólica romana) com a recepção das diversas irmandades religiosas da cidade, filarmônicas, escolas da região. “A devoção era muito grande! A cidade estava em festa!”.

Em 1962 o Roque se ordenou padre, foi fundada a Igreja Católica Brasileira Cosme e Damião de Cachoeira, se inaugurou a capela para os santos gêmeos, chegou em Cachoeira as imagens que compuseram o altar da capela. Tais fatos são intrínsecos e estão diretamente ligados ao pagamento da promessa do senhor Macedo. Como a ordem dos fatores não altera o produto, Cosme e Damião em 1962 ganhou capela, padre,

⁵⁵ Localizada na Rua Ana Nery no centro da cidade.

⁵⁶ Localizada na Rua dos Remédios.

imagem e irmandade para o seu culto em igreja ser zelado. E como ele quer caruru e na igreja não pode, no dia da festa dele da porta de igreja para a rua o caruru acontece.

2.3.2. Cosme e Damião foram em África

De família tradicionalmente religiosa, membros do candomblé e catolicismo, na genealogia de Luiz Magno encontram-se personalidades importantes na formação do candomblé da Bahia e do Brasil, como, dentre outras, a africana Ludovina Pessoa⁵⁷.

De baluartes ilustres que remontam ao século XVIII - XIX, perpassando gerações, alguns ritos de fé e devoção se mantiveram entre os seus, afinal, “a devoção nunca se desfaz. Quando tem o princípio não tem o fim porque está no laço sanguíneo da família”, diz Magno justificando o princípio da obrigatoriedade da família em manter o culto após iniciado por alguns de seus membros.

O culto a Cosme e Damião é uma dessas devoções que trança o tempo familiar, visto que Magno não recorda quem e quando começou, mas que é entendido pelo coletivo como uma obrigação que precisa ser zelada para não atrapalhar os caminhos de um ou outro. Em suas lembranças de infância ele sabe apenas que foi iniciado por gerações anteriores, com marcas presentes de vivências de caruru oferecido na palha da bananeira, crianças, sambas e gente reunida em sua casa, na casa da avó e tias.

A família, em verdade, “fazia caruru para Bêji, que na igreja é Cosme e Damião”, nos diz. “A devoção de Cosme está ligada a Bêji. No sincretismo católico é Cosme e Damião. Lá no candomblé é Bêji, que são os meninos da costa d’África”.

Sob princípio nagô-ijexá, referência de sua família materna, o caruru feito por sua avó, tias e demais membros da família “era de forte preceito”, pois, como nos conta, “sempre eu ouvia os meus mais velhos falar que todos os orixás têm sua hierarquia, sua história, seu tempo, mas que Bêji antes de Cristo já era muito venerado”. Daí pode-se inferir a sua grande importância, penetração nos lares e força de culto na cultura local.

Sua avó dizia que eles eram descendentes de africanos e que por isso deveriam fazer aquele culto. Hoje os netos, sobrinhos, geração da qual Magno faz parte, já não fazem festa grande, com convidados, mas mantém o culto aos Cosmes com um

⁵⁷ (Mahi, +/-1854). Natural da cidade Mahi (Marri), Daomé, África. Era iniciada para o Vodun Ogum. Fundou o templo para Dan: Kwé Sejá Hundé, mais conhecido como Roça do Ventura em Cachoeira e o templo para Hevioossô, o Zoogodo Bogun Malê Hundô ou Terreiro do Bogum em Salvador.

“caruruzinho” para cumprir com o vínculo familiar e “abrir os caminhos”. Não fazem festa, portanto, mas “fazem a devoção com os três pratinhos para os santos”. “Se tiver precisão dá os três pintinhos, na verdade dois pintos e uma pinta para Bêji. Dois pintos para Cosme e Damião e a pinta para a erê fêmea chamada Crispina”.

A devoção aos Cosmes é um preceito vivo na família porque eles cobram. Cosme e Damião é um orixá vivo. Bêji é um orixá vivo. Um amigo, camarada, interesseiro, criança, ele ajuda... lhe dá mesmo! Agora cumpra com a palavra se não você está frita. Ele gruda no pé. Não brinque! (MAGNO, 2015).

Alguns signos no caruru de sua infância codificam (ou codificavam) para eles quando o preceito da festa era maior ou menor. Quando era maior, por exemplo, a comida tinha que ser oferecida na palha da banana e se comia de mão. “Era proibido comer de talher e em pratos conforme preceito africano da região nagô”.

A presença do samba também não era obrigatória. “Às vezes fazia um sambinha na sala. Noutras só fazia o samba na hora de arriar o caruru nos pés do santo no peji. Nesta hora se cantava três ou sete cantigas”.

Os escravos também comiam...

Se fazia alguma coisa para os escravos de Bêji. Às vezes se cortava um frangozinho com outros apetrechos de véspera para os escravos de Bêji. Às vezes não cortava o bicho; pegava um aguidá e tudo que ia servir a Cosme colocava naquele aguidá e botava num lugar de mato verde ou jardim, que era para os erês da rua, que são os escravos de Bêji (MAGNO, 2015).

Posta a comida dos escravos, a pessoa que despachou para eles devia tomar um banho e “ir mexer na panela” para tirar a dos Cosmes, colocando os três pratinhos nos pés dos santos sob rezas e três ou sete sambas. Depois comiam as sete crianças, de mão, numa bacia branca de ágata. Só depois os convidados em geral podiam comer.

As variações de forma de culto num mesmo núcleo familiar ratificam que não havia, nem há, uma maneira rígida de fazê-lo. Dando a comida dos escravos e santos, o mais poderia ser tratado como “apetrecho”, para usar uma expressão do entrevistado.

Comungando de uma memória coletiva, Magno afirma que Cosme e Damião foram à África. Segundo relato,

A devoção de sete meninos de Bêji se dá, segundo a lenda, porque quando Cosme e Damião foram para a África para curar as pessoas que estavam com enfermidade, doença de pele, a lepra, sarampo, a varíola, dentre outras doenças mais... levaram um bom tempo na

África e quando estavam para se despedir para ir embora para a terra natal as negras africanas, o povo africano em geral prometeram a eles um banquete por gratidão. Eles curavam por medicamentos, já que eram médicos, com o poder das folhas e com a palavra de Deus. Eles pregavam e curavam tudo em nome de Deus. O banquete de agradecimento seria um grande evento, com festa e tudo mais. E os santos pediram aos anfitriões que convidassem todos os necessitados, principalmente o povo de rua, que não tinha teto e que não tinham o que comer. É por isso que na festa dos Cosmes tem essa coisa de chamar os meninos para comer, principalmente os meninos que estão na rua. E o banquete foi um caruru que tinham preparado para eles. E então cada pessoa que tinha o seu orixá ofertou naquela mesa a comida do seu orixá. O caruru e os bichos foram da comunidade. E todo o povo africano, todo o povo de preceito levou o seu prato. Quem era de Ogum levou inhame. Quem era de Iansã levou acarajé. Quem era de Xangô levou o abará. Quem era de Oxum levou feijão fradinho. Quem era de Obaluaiyê levou o feijão preto e a pipoca. Quem era de Oxóssi e tinha outras devoções levou o rolete de cana. Quem tinha devoção com o orixá menino Bêji levou seus doces. Quem era de Exu levou a farofa de dendê, levou a farofa de mel que é o padê... e foi aquela partilha (MAGNO, 2015).

Essa história ele conheceu pela avó materna e sua madrinha, Dona Amor, senhora centenária, irmã da Boa Morte, que faleceu com 102 anos no início da década de 1990.

A narrativa de Magno traz à luz nuances representativas do sincretismo afro-católico no culto a Cosme e Damião em Cachoeira. A partir de vozes e memórias de descendentes diretos de africanos, seu discurso, herdado desses antepassados, faz perceber o quanto o culto à Bêji ou aos Ibejis era importante para os negros africanos que aqui chegaram.

Bêji antecede a Jesus Cristo, curava mazelas, promovia prosperidade, abria os caminhos, atesta a sabedoria popular. Ele se velou de Cosme e Damião (ou Cosme e Damião virou Bêji?), adentrou as igrejas e num encontro de profundas coadunações arquetípicas, de ruptura de fronteiras, o culto aos gêmeos prevaleceu no seio católico e doméstico, quase inexistindo hoje em território do candomblé.

Quando no candomblé, a propósito, ele é tratado na maioria dos casos como Cosme e Damião mesmo, na sua representatividade aparente católica, ainda que a essência esteja marcada pelo hibridismo do encontro.

Os santos católicos foram à África, promoveram curas milagrosas, receberam banquete coletivo. Na mitologia dos Ibejis também houveram curas e milagres, a vida foi reanimada a partir de poderes extraordinários dos orixás, um banquete coletivo foi

ofertado em gratidão. Similitudes nos enredos denunciam um desejo concretizado (ou necessidade) de recriar a fé, os deuses, os santos, as maneiras de cultuar.

São Cosme foi batizado! Sim! Fora batizado. Foi em África. Comeu caruru. Cultivou escravos e erês para com eles atuarem em suas missões espirituais. Brincou com os Ibejis. Habita entre nós com suas traquinagens, meninices, força e bondade. O limite entre o real e a ficção é tênue, mas se a “fé move montanhas”, ela também faz viva uma história que as vozes de devoção não sabem precisar quando começou, mas que decerto se delongará (e continuará se reinventando) no tempo por gerações.

CAPÍTULO 3

NO DIA DA FESTA DELE SÃO COSME QUER CARURU

Deus mora no detalhe.

(sabedoria popular)



Foto 18: Corte de quiabos no caruru de Seu Tito. Crédito: Autoria própria.

Comer é uma maneira de se comunicar com o orixá e de fortalecer a troca de axé. [...] A cozinha é, portanto, o grande laboratório sagrado onde o saber fazer, a fé, o respeito e a beleza plástica se encontram para o encanto das divindades. [...] Comer é também um ato socializador [...] Comer é viver. Comer corretamente é ser eterno (Mãe Stella de Oxóssi em prefácio da segunda edição do livro Santo também come de Raul Lody, 1979).

Antropologia da comida.

Comer é um ato social? Dar-se de comer aos santos e depois às pessoas – o ritual da comida... comensalidade!

Porque de cada ato? Porque as crianças?

O mito fundador do caruru é o rito de Iansã que oferece para os Orixás. Os Orixás no culto de Cosme e Damião vem comer no caruru.

Discussão da cosmologia e da comida.

A simbologia do quiabo.

O rito da feitura... como corta o quiabo? Tem frango? O que significa cada item? Homem pode cortar?

O caruru comida/banquete x o caruru oferta/comida de santo.

Sobre a comensalidade: a maneira como se consome e o sentido do caruru no candomblé é diferente da maneira como este é tratado/consumido com o católico? São preceitos diferentes? Como se dá essa diferença? O que significa comer o caruru para cada personagem do culto (santo, criança, devoto, convidado, pagão, escravo, etc)? comer o caruru proporciona ganhar o axé do santo? Como se dá o rito de comer? Acende a vela primeiro? Reza primeiro? Qual a ordem do ritual?

Explorar o caruru como elemento de fé... come-se o caruru com quem come uma hóstia. Tem o Axé do santo.

Explorar o MANA de MAUSS. O ensaio sobre a dádiva... troca e reciprocidade.

Explorar o universo das regras e a noção de estrutura em etnologia de STRAUSS – reciprocidade!

Sobre o “dar o caruru” e a promessa.

3.1. TUDO ESTÁ CHEIO DE DEUSES⁵⁸ ... A FEITURA...

O quiabo

⁵⁸ Frase atribuída ao filósofo grego da Grécia antiga Tales de Mileto.

O azeite

O porquê de cada comida... mitologia dos Ibejis

A matéria é viva ou tudo está cheio de deuses na comida de Cosme e Damião...

3.2. DEUS MORA NO DETALHE... A COMENSALIDADE...

Cada detalhe é sagrado no dar de comer no rito de Cosme e Damião...

3.2.1. A Comida da rua...

Comem escravos, pagãos e erês

3.2.2. A comida do altar...

Comem os santos

3.2.3. A comida da roda...

Comem as crianças

3.2.4. A comida coletiva...

Comem os convidados

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário da ideia de “faz de conta”, de mistura, de jogo de correspondências, de analogias, de confusão, dentre outras, o fenômeno do sincretismo tem a ver mesmo com atribuição de significados, com sentimentos. Desta maneira, a menos nas religiões de matriz africana, deve ser entendido como algo além das máscaras e disfarces, até mesmo porque não se reduz apenas a vivências externas, ao contrário, em alguns momentos chega a ser constituidor de ritos específicos reconstruídos no Brasil, como fez o próprio Cristianismo quando se deparou com as religiões antigas, contemporâneas à sua formação. Dizer que o sincretismo afro-católico não pode ser reduzido a relações exteriores, nem ao faz de conta, explicado a partir da teoria da dissimulação, é, ao mesmo tempo, reconhecer a capacidade que homens e mulheres negros tiveram de, contrariando a teoria conspiratória, romper com os lugares impostos a estes na sociedade e intervir a partir de seus lugares, tornando-os livres para criar, reinventar e dar continuidade a universos fragmentados pela escravidão que não foram destruídos graças à capacidade de diálogo com elementos simbólicos com os quais se depararam numa verdadeira colônia. O viver em colônia facilitou o diálogo entre africanos, ameríndios, portugueses, mouros, ciganos, cristãos novos, espanhóis, holandeses e muitos outros povos. O resultado foi a produção de modelos religiosos onde símbolos provenientes de várias matrizes culturais não apenas circulam externamente, mas dentro do corpo dos próprios iniciados (SOUSA JÚNIOR, 2011, p. 153 – 154).

Toda religião, como toda cultura, constitui fenômeno vivo, dinâmico, contraditório, que não pode ser enclausurado numa visão única, cartesiana, intelectualizada, petrificadora e empobrecedora da realidade (FERRETTI, 2006, p. 119).

Algumas voltas na árvore do esquecimento⁵⁹ e ficariam para trás memórias, histórias, ritos, mitos, símbolos, o sagrado e o profano de povos africanos que partiam da África rumo ao Novo Mundo. Os homens davam nove e as mulheres sete voltas em torno da árvore, no Porto de Ouidah, antigo reino do Daomé, entre os séculos XVI e XIX. Acreditava-se que nesse rito os homens e mulheres transportados ao trabalho escravo apagariam todo o seu legado e estariam aptos à plena colonização física, humana, ideológica no ciclo que iniciavam.

O Novo Mundo possuía alguns portos na chamada América, dentre os quais Salvador, Bahia, Brasil, que se conectava diretamente com Cachoeira/Recôncavo da Bahia através da Baía de Todos os Santos – Rio Paraguassu.

⁵⁹ Nem todos os africanos circundaram a árvore do esquecimento quando saiu de África. Este foi um rito específico para os oriundos da África ocidental, mas a mesma é utilizada neste texto como metáfora para a intenção da colonização religiosa / ideológica empreendida nas Américas.

Esta cidade, então freguesia⁶⁰, ocupava um papel político, social e econômico central no período colonial. Nela se constituíram imponentes engenhos de cana-de-açúcar que a tornava importante centro econômico do Brasil. Junto com os donos dos engenhos, portugueses e descendentes, vieram também seus legados culturais, refletidos no grande número de igrejas católicas, na arquitetura de tais igrejas, sobrados, dentre outras heranças marcadas na cultura local.

Desde que chegou pela ação dos colonizadores portugueses, o catolicismo desenvolveu no Brasil formas históricas específicas no entrecruzamento de crenças, doutrinas e práticas africanas, europeias e indígenas. Segundo Steil (2001 *apud* NIERO, 2012),

Com as imagens dos santos, trazidas pelo colonizador português, vieram as crenças e mitos que deram origem ao catolicismo tradicional popular brasileiro, que desenvolveu-se em meio ao culto aos santos, no espaço dos santuários, capelinhas e dos oratórios, praticados por romeiros, beatos, benzedeiras e irmandades, em ambiente leigo e social.

O culto aos santos está presente desde a constituição da hierarquia cristã e sua consequente necessidade em firmar valores morais usando modelos exemplares que traduziriam sua visão de mundo. O destaque a um determinado modelo de santidade é histórico e revela uma série de manifestações, gestos e palavras, traduzindo representações coletivas integradas por crenças e práticas coletivas, conectando o indivíduo a um determinado grupo, o que nos fornece elementos para a compreensão dos modelos de santidade atuais (ANDRADE, 2010).

Niero (2012) assinala que no âmbito da Igreja Católica e de seu modelo universalista não há tempo, espaço, nem lugar sem santos, que cada lugar tem seu padroeiro, e que “santos católicos marcam o tempo, conduzindo o próprio calendário católico, e o espaço, demarcando territórios sobre os quais se estendem sua proteção”. Sendo assim, “cada ser humano já nasce multivinculado, isto é, está potencialmente ligado a uma série de santos, pelo simples fato de existir em determinado tempo ou espaço” (MENEZES, 2004, p. 234).

É a partir do que o devoto é, ou do que ele gostaria de ser, ou do que o santo foi, ou do tipo de característica que até hoje lhe é atribuída que se restaura uma relação de devoção (MENEZES, 2005, pg. 236).

⁶⁰ Pequena povoação. Vide: Dicionário on line de português.

Machado (2012) identifica que o “catolicismo santorial”, expressão que ele toma de empréstimo de Cândido Procópio Camargo, marcou a dinâmica religiosa brasileira desde a colonização, permeando de forma particular a dinâmica religiosa brasileira nas irmandades religiosas, nos oratórios, nas capelas de beira de estrada, nos santuários e, sobretudo, nas casas. Para este mesmo autor, o núcleo do catolicismo popular é o santo; o local do culto doméstico é o oratório, e o centro do culto coletivo é a capela.

Desde as três pessoas da Trindade até as almas de inocentes, passando pelas diversas invocações de Maria, os apóstolos, mártires e doutores da Igreja, muitos são os santos e santas que recebem o culto popular. O santo está na sua imagem, mas não se identifica com ela. É como se a imagem tivesse vida: com ela o devoto conversa, a ela oferece flores e velas, enfeita, visita no santuário, leva em procissão e romaria; mas pode também vir a ser punida pelo mesmo devoto quando este se sente desprotegido pelo santo. Assim, é em torno à imagem que se organiza o culto popular, nele distinguindo-se três níveis: doméstico, da comunidade local, e de âmbito regional (OLIVEIRA, 1997).

O cenário para o desenvolvimento do catolicismo popular no Brasil, como posto, contava não só com a presença de portugueses, mas de outros atores que partilhavam as relações no momento, dentre africanos e indígenas. Esses africanos, escravizados, deslocados de seus territórios para servirem à produção do regime econômico que se engendrava, aportavam nas terras da diáspora, baianas especificamente, com tudo aquilo que acreditaram ser possível deixar para trás quando de África partiam. Ou seja, santos católicos, divindades africanas, deuses indígenas encontraram-se e passaram a dialogar num contexto de tensões, disputas de poder, enfrentamentos, adaptações a uma nova realidade.

Iniciou-se um rito singular e fecundo para o nascimento das divindades híbridas e/ou mestiças típicas da religião afro-indígena-brasileira. Santos e santas, deuses e orixás, desde então se alimentam de luzes, rezas e oferendas ou, em outros termos, de velas, missas e ebós, dentre outros itens típicos desse encontro cultural.

São Cosme foi batizado!

São Cosme foi batizado. Bêji fara no ará aiyê uá.
Êua. Êua. Bêji fara no ará aiyê uá.

(Trecho de canto de domínio público)

“São Cosme foi batizado”, afirma cantiga de domínio público que acompanha o ritual de oferenda da comida aos santos gêmeos apresentada por Luiz Magno, devoto aos santos e entrevistado para esta pesquisa. Além dos santos católicos terem sido batizados nos encontros, “*Bêji fara no ará aiyê uá*”, o que, numa livre tradução, quer dizer “Bêji e nós (uá) que estamos, ou somos da terra, comemoramos”. Esta cantiga faz uma clara analogia ao processo de diálogo e encontro entre a entidade católica e africana no contexto baiano.

O culto a Cosme e Damião no caso Cachoeira - Bahia é configurado por uma série de ressignificações e [re]invenções que interconectam catolicismo popular e candomblé doméstico. Os santos Cosme e Damião eram irmãos, dois, e médicos, faziam curas; Os Ibejis, eram orixás gêmeos, portanto dois, também ligados à cura. Os signos evidentes demonstram e ilustram as convergências no processo de diálogo que justificam o imbricamento entre santo católico e africano no novo contexto.

O sincretismo afro-católico, de acordo com Vilson Caetano de Sousa Júnior (2003, p. 17),

[...] não pode ser elucidado apenas como determinação do sistema colonial ou um disfarce que agora pode ser extirpado, mas através de modos e estilos de viver e sobreviver concebidos pelo africano, por meio de subsídios encontrados no catolicismo, instituídos e ressignificados, fundados a partir da história particular de cada casa [nos casos dos terreiros de candomblé].

A África não foi nem poderia ter sido transplantada para o Novo Mundo quando os africanos migraram (FERRETTI, 2013; CAPONE, 2004; MINTZ e PRICE, 2003). Os saberes e fazeres que seguiram com seus detentores já sofriam influências e interconexões antes mesmo de sair de lá, quando esses africanos, de etnias diversas, se encontravam e se misturavam nos portos e navios negreiros para a viagem. A chegada à nova realidade gerava novos impactos, novos sentidos e relações. São Cosme e outros santos e divindades foram simbolicamente batizados, num rito de iniciação especialmente propiciado pelo contexto.

Bastide elucidada a situação apresentando que,

Mesmo se é por toda parte conservadora, a religião não é coisa morta; evolui com o meio social, com as transformações de lugares ou de dinastias, forma novos rituais para responder às novas necessidades da população, ou a interesses diversos das famílias dominantes (2001, pg. 250).

Apesar das controvérsias na compreensão e aceitação do sincretismo nas religiões afro-brasileiras, a qual tem buscado “reafricanizar-se” como ideal de afirmação de identidade e tradição (CAPONE, 2004), o caso Cosme e Damião apresenta uma diferença singular, pois o culto e oferenda de caruru aos santos gêmeos permanecem destinados às entidades de nome católico mesmo dentro de alguns terreiros de candomblé.

“Os santos perderam o significado dado pela hagiografia católica e passaram a ser representados através de dois meninos, alusão a Ibejis” (SOUSA JÚNIOR, 2003, pg. 122). Diferente de outras festas católicas, que têm na procissão e nas missas seus maiores atrativos, a festa de Cosme e Damião é feita em torno do caruru. Essa celebração em que se oferece “comida para o santo comer” marca o culto doméstico, cujo ponto culminante é a refeição oferecida aos santos, às crianças e aos convidados da festa.

Nos terreiros de santo, raríssimas são as pessoas com Ibêji – o orixá Ibêji feito ou assentado. E isso nos leva à questão do caráter de Ibêji como orixá. [...] Com obrigações próprias, comidas especiais, ritual de identificação e feitura. Sendo, embora, patrono de gêmeos, Ibêji, como orixá, é um só. Ele é o padroeiro dos dois gêmeos. É pois natural que esses mitos antigos de Ibêji se tenham esmaecido e se tenham transformado com a associação ou identificação com os santos gêmeos católicos Cosme e Damião. O orô - o segredo – de Ibêji, certamente, foi, entre nós, muito menos exercitado e reproduzido como os de outros santos que são únicos e, portanto, podem sozinhos, ser de uma pessoa só. Daí sua festa, a festa de Ibêji, ir aos poucos se tornando uma festa de celebração familiar, em que podemos, apesar de tudo, identificar os elementos constitutivos de sua primitiva organização ritual e estrutura simbólica (LIMA, 2004, pg. 34).

Beatriz Góis Dantas (1988) explora aspectos pertinentes ao culto doméstico ou de herança familiar. Trata-se de crenças ancestrais mantidas pela família ou parentes de gêmeos/crianças. Nesses lares podem-se ver altares, cuja posse e encargos sucedem-se geralmente através da linha de descendência consanguínea – pais, filhos, netos. Eles abrigam os santos que, por sua vez, são tidos como da família. O herdeiro do culto não pode abandonar os encargos. Essa herança, de base oral, transmitida tacitamente de uma geração à outra, se sustenta na memória e no compromisso dos herdeiros em mantê-la viva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Solange Ramos de. **O culto aos Santos**: A Religiosidade Católica e seu Hibridismo. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPHU, Ano III, n. 7, Maio 2010. Disponível em <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf6/6Solange.pdf>>. Último acesso em 26 de abril de 2014.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 14 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

AZEVEDO, Célia Maria M. de. **Abolicionismo**: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XX). São Paulo: Annablume, 2003.

BASTIDE, Roger. **As Religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. 3 ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989.

_____. **O candomblé da Bahia**: rito nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. 3 ed. Uberlândia: EDUFU, 2007.

_____. **O que é folclore**. 9 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

_____. **O festim dos bruxos**: estudos sobre a religião no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, São Paulo: Ícone, 1987.

BURKE, Peter. História como memória social. In: **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no Candomblé**: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Pallas, 2004.

CRUIKSHANK, J. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, M. M., AMADO, J. (Orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível. In: **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó nagô e papai branco**: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. vol. 1, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DE VARAZZE, Jacopo. **Legenda áurea**: vidas de santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FALCI, Miridan B. K. Doença e Religiosidade. In: LIMA, Lana L. G; HONORATO, Cezar T.; et allí (org). **História e Religião**. Rio de Janeiro: FAPERJ / Mauad, 2002.

FERRETTI, Sérgio F. **Repensando o sincretismo**. 2. ed. São Paulo: Edusp, Arché Editora, 2013.

_____. Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jéferson (org). **Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafrikanização, práticas terapêutas, etnobotânica e comida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAQ, 2006.

FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)**. São Paulo: Unicamp, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALBWACHS, Maurice. Trad. Beatriz Sidou. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HOBBSAWN, Eric, RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Trad. Celina Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOORNAERT, Eduardo. **A igreja no Brasil colônia (1550 – 1800)**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. **Formação do catolicismo brasileiro: 1550 – 1800**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

HOORNAERT, Eduardo, AZZI, Riolando, GRIJP, Klaus Van der, et alli. **História da Igreja no Brasil**. Ensaio de interpretação a partir do povo. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. Disponível em <<http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>. Último acesso em 26 de abril de 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In: **Antropologia Estrutural**. 4 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

_____. O feiticeiro e sua magia. In: **Antropologia Estrutural**. 4 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

LIMA, Vivaldo da Costa. **Cosme e Damião: o culto aos santos gêmeos no Brasil e na África**. Salvador: Corrupio, 2005.

_____. **A família de santo nos Candomblés jejê-nagôs da Bahia:** um estudo de relações intra-grupais. 2 ed. Salvador: Corrupio, 2003.

LODY, Raul. **Santo também come:** estudo sócio-cultural da alimentação cerimonial em terreiros afro-brasileiros. Recife: 1979.

LOPES, Nei B. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana.** São Paulo: Selo Negro, 2004.

LÜHNING, Ângela. **O mundo fantástico dos erês.** Revista USP, Dossiê Brasil/África. Vol. 18 Jun/Jul/Ago, 1993.

MACHADO, Carlos Eduardo. **Revisitando os altares domésticos:** os usos dos espaços domésticos como parte da experiência religiosa. Primeiros Estudos, São Paulo, n. 2, p. 144-165, 2012. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/primeirosestudos/article/view/45950/49552>>. Último acesso em 26 de abril de 2014.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória:** O reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. **Sociologia e Antropologia.** v. II. São Paulo: EDUSP, 1974.

MELLO E SOUZA, Marina de. **Catolicismo negro no Brasil:** santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. Revista Afro-Ásia, número 28. Salvador: CEAO/UFBA, 2002. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77002805>>. ISSN 0002-0591. Último acesso em 13 de junho de 2015.

MENEZES, Renata de Castro. **A dinâmica do sagrado:** rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

MINTZ, Sidney Wilfred; PRICE, Richard. **O nascimento da cultura afro-americana:** uma perspectiva antropológica. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Pallas: Universidade Cândido Mendes, 2003.

NASCIMENTO, Luiz Cláudio Dias do. **Bitedô:** onde moram os nagôs: redes de sociabilidades africanas na formação do candomblé jejê-nagô no recôncavo baiano. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

NIERO, Lidiane. Almeida. Santos e devoção doméstica: feições da religiosidade católica em São João Del Rei no século XVIII. In: RANGEL, Marcelo de Mello. Et al (Orgs). Cadernos de resumos & Anais do 6º Seminário Brasileiro de História da Historiografia - **O giro linguístico e a historiografia:** balanço e perspectivas. Ouro Preto: EdUFOP, 2012. Disponível em <<http://www.seminariodehistoria.ufop.br/ocs/index.php/snhh/2012/paper/viewFile/1332/622>>. Último acesso em 26 de abril de 2014.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo. PUC. N. 10. P. 7-28, dez. 1993. Disponível em <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Último acesso em 26 de abril de 2014.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. As funções políticas do catolicismo popular. **Simposio Religión y Política: una relación de mutua implicación**. 1997. Disponível em <<http://www.naya.org.ar/congresos/contenido/49CAI/Oliveira.htm>>. Último acesso em 26 de abril de 2014.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do Candomblé**: história e ritual da nação jeje na Bahia. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PINK, S. **Nouvelles perspectives après une Formation à L'Anthropologie Visuelle**. Journal des Anthropologues, 1992.

POLLAK-ELTZ, Angelina. **El culto de los gemelos en Africa Occidental y en las Americas**. In. America Latina, ano 12, n. 2. Rio de Janeiro, 1969.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, v. 5, n. 10, p. 202 - 212. 1992. Disponível em <http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf>. Último acesso em 26 de abril de 2014.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jéferson (org). **Faces da tradição afro-brasileira**: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. Rio de Janeiro/Salvador: Pallas/CEAO, 1999.

REIS, João José. **Domingos Sodré, um sacerdote africano**: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, Adriele Silva. Pedra da Baleia, onde canta Yemanjá. In: NASCIMENTO, Luísa Mahin (org). **Um passarinho me contou...** Dedinho de Prosa. Cadinho de Memória. Cachoeira: Casa de Barro Ações Culturais, 2012.

SANTOS, Edmar. **O poder dos candomblés**: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Edsoleda. **Ibejis**. Solisluna: Salvador, 2011.

SANTOS, Emilena Souza dos. **Os encantados infantes do Candomblé baiano**: estudo sócio-religioso em terreiros de Salvador. Salvador, 2011, 171 pg. Dissertação (Mestrado

em Estudos Étnicos e Africanos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos – POSAFRO, Universidade Federal da Bahia, 2011. Disponível em <http://www.posafro.ufba.br/ARQ/dissertacao_ESSantos.pdf>. Último acesso em 02 de janeiro de 2014.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Editora da USP, 2006.

SOUSA JÚNIOR, Vilson Caetano de. **Na palma da minha mão**: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. **Orixás, santos e festas**: encontros e desencontros do sincretismo afro-católico na cidade de Salvador-Ba. Salvador: Ed. UNEB, 2003.

_____. A cozinha e os truques: usos e abusos das mulheres de saia e do povo do azeite. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jéferson (org). **Faces da tradição afro-brasileira**: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. Rio de Janeiro/Salvador: Pallas/CEAO, 1999.

TRINDADE-SERRA, Ordep José. **Os olhos negros do Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2014.

TEIXEIRA, Maria Lina L. Candomblé e a (re)Invenção de Tradições. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jéferson (org). **Faces da tradição afro-brasileira**: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 2006.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

ENTREVISTAS

CRUZ, Iraildes. Depoimento [27 de setembro de 2014]. Entrevistadora: Luísa Mahin Nascimento. Cachoeira, 2014.

CRUZ, Tito Francisco (Seu Purrão). Depoimento [27 de setembro de 2014]. Entrevistadora: Luísa Mahin Nascimento. Cachoeira, 2014.

NONATO, Roque Cardoso. Depoimento [14 de agosto de 2014]. Entrevistadora: Luísa Mahin Nascimento. Cachoeira, 2014.

SANTOS, Cleonilce (Dona Mainha). Depoimento [08 de outubro de 2014]. Entrevistadora: Luísa Mahin Nascimento. Cachoeira, 2014.

SUZARTE, Odezina (Dona Caçula). Depoimento [27 de setembro de 2014].
Entrevistadora: Luísa Mahin Nascimento. Cachoeira, 2014.

RODRIGUES, Urânia. Depoimento [26 e 27 de setembro de 2014]. Entrevistadora:
Luísa Mahin Nascimento. Cachoeira, 2014.

ANEXO I

RESUMO HISTÓRICO À DEVOÇÃO OFICIAL A COSME E DAMIÃO EM CACHOEIRA BAHIA⁶¹

No dia 02 de novembro de 1961, visitando casualmente a Capela de Nossa Senhora dos Remédios, já a esta altura desativada, estando com as portas abertas por ser dia dedicado aos mortos, e ali naquele Templo existe muitos restos mortais sepultados, o cidadão Clemente José Macêdo, recém chegado a Cachoeira, transferido que foi, como funcionário público estadual lotado na Secretaria de Segurança Pública, para ali representar serviço na Terceira Região de trânsito, se sentindo profundamente amargurado ao deparar com as imagens dos mártires São Cosme e São Damião em um pequeno altar improvisado no interior da referida Capela encoberta por dejetos de morcegos e teias de aranhas. Entristecido com a cena por ser desde criança devoto dos referidos Santos, prometeu no mesmo instante construir nesta cidade uma Capela que lhe seria dedicada e onde as suas imagens seriam respeitosamente e condignamente veneradas.

Movido por este propósito logo no dia seguinte após breve conversa com o senhor Félix Manuel de Brito, entrou em entendimentos com a senhora Orna Velame Dantas proprietária de terras do Cucuí, denominadas Vila Ana Maria, e com esta Senhora conseguiu a doação de uma área de 300 m² com a finalidade mencionada. Isto feito entrou em entendimento com o Vigário da Paróquia Mons. Fernando de Almeida Carneiro, a quem comunicou os seus propósitos, obtendo deste a necessária autorização para o cumprimento da sua vontade, lançando-se em campo para angariar os recursos necessários a excursão da obra.

Uma vez edificada a Capela, autorizado pelo Vigário, se dirige ao Senhor Atanagildo Cerqueira, Juiz da Irmandade dos Martírios, a legítima proprietária da Capela de N. S. dos Remédios, para negociar a trasladação da imagem de São Cosme e São Damião para a nova Capela. Acontece que o mesmo não concordou com a ideia e mesmo sem se quer ouvir a mesa administrativa ou demais irmãos; pois um fim nesta ideia alegando que as citadas imagens foram doadas pela Profa. Euridice Pires de Santana em cumprimento de uma promessa para a Capela dos Remédios, e de lá jamais

⁶¹ Texto reproduzido na íntegra. Versão da Igreja Cosme e Damião. Original cedido pelo Padre Roque (Roque Cardoso Nonato) da Igreja Católica Brasileira Cosme e Damião de Cachoeira/Bahia.

sairiam. Cientificado pelo senhor Clemente José Macêdo desta decisão, o jovem Roque Cardoso Nonato, então funcionário da transportadora Ypiranga, resolveu solicitar ao diretor proprietário da referida empresa a doação das imagens necessárias à concretização do intento deste Senhor. O empresário Cristóvão se comprometeu a efetuar a encomenda a uma fábrica do ramo em São Paulo, o que não foi feito, e... quando na semana anterior a data prevista para a inauguração do Templo, 23 de setembro, o Senhor Clemente José Macêdo foi ao seu encontro em Salvador, este se dirigiu a casa Adornativa localizada a rua Carlos Gomes (Loja de Artigos Religiosos) na expectativa de adquirir as referidas imagens, só que estas só poderiam ser adquiridas por encomenda por trata-se de imagens de grande porte que como disse a pouco, só eram fabricadas em São Paulo. O jovem Roque Cardoso Nonato, presente num instante, enquanto o Senhor Cristóvão Ferreira dialogava com o proprietário da loja, este vislumbrou em uma das vitrines por trás de outras imagens, a cabeça de uma das imagens desejada, incontinentemente exclamou: Encontramos Sr. Cristóvão as imagens dos Santos Cosme e Damião! – Só que o proprietário tomando a palavra afirmou: “Estas imagens foram encomendadas a mais de três meses por uma Sra. residente em Ilhéus já tendo esta inclusive efetuado por antecipação o pagamento pela compra.” O jovem Roque Cardoso Nonato, ignorando as afirmativas do proprietário da loja (aproveitando-se naturalmente do acirrado diálogo entre os dois, e por ter verificado que por milagre a vitrine encontrava-se aberta) retirou com rapidez as imagens e colocou na mala do veículo de propriedade do Sr. Cristóvão estacionado na porta da mencionada loja Adornativa. Por ser pessoa de alto prestígio junto a direção da Loja Adornativa a coisa foi resolvida e contento, e assim, as imagens dos Santos Cosme e Damião foram transportadas para a Igreja Matriz de Cristo Rei e São Judas Tadeu em Baixa de Quintas, sendo solenemente abençoadas pelo Mons. Gaspar Sadok da Natividade no dia 23 de setembro de 1962 às 07:00hs da manhã, sendo em seguida transladadas em uma carreata até Cachoeira, formada por vários ônibus e carros da Transportadora Ypiranga, sendo recebida na Praça Nossa Senhora do Rosário por volta da 10:30hs com uma recepção impressionante; presentes as irmandades de N. Sra do Rosário do Orago da Cachoeira, N. Sra do Rosário do Monte Formoso, Bom Jesus da Paciência, N. Sra da Conceição dos Pobres, N. Sra da Boa Morte, Apostolado da Oração, Filarmônicas Lira Cecilianiana e Minerva Cachoeirana, autoridades civis, Militares e Eclesiásticas e grande número de pessoas de todas as camadas sociais, sendo conduzidas processionalmente até a Matriz do Rosário e de lá para a Capela no Auto do Cucuí onde por volta das

12:30hs após a cerimônia da benção do novo Revmo. Mons. Padre Fernando Almeida Carneiro, vigário da Paróquia foi celebrada a primeira Missa pelo Revmo. Padre Antônio Carlos dos Santos de Souza Onofre da Silva que era gêmeo. Neste dia foram solenemente batizados nesta nova capela os gêmeos Marcelo e Márcia. A partir da data da inauguração a referida Capela passou a ser frequentada por fieis e devotos destes Santos diariamente e... no ano seguinte teve início os festejos anuais, no mês de setembro sendo os primeiros juízes os Senhores Laudilio Guimarães Melo e a Esposa Profa. Valda Gavazza de Melo e Antônio Gomes dos Santos e a Srta. Tânia Maria dos Santos, que ininterruptamente se fez a realizar até os nossos dias, sendo que estes festejos ganharam maior ênfase, a partir de 1972 quando o administrador da Capela dedicada aos Santos Cosme e Damião ingressou na Igreja Católica Apóstolica Brasileira, onde foi ordenado Diácono a 04 de abril e Presbítero a 04 de Julho. – Tendo falecido o Senhor Clemente José Macêdo a 31 de outubro de 1965, por expressa vontade do extinto, a sua esposa já falecida Sra. Amália Maria Ribeiro de Macêdo, passou as mãos do jovem Roque Cardoso Nonato toda a documentação da Capela por este construída, já que as chaves e comando com este se encontrava desde quando se esposo pouco tempo depois da inauguração da Capela foi acometida pela doença que o levou a sepultura.

É importante salientar, que o jovem Roque Cardoso Nonato na condição de administrador da Capela indicado por Clemente José Macêdo e designado por Mons. Fernando Almeida Carneiro a 31 de maio de 1963, passou de logo a coordenar toda sua movimentação e organizar e promover os meios para a celebração das festas anuais inclusive, indicar nos nomes dos juízes, sendo ele o autor da Novena que até hoje é cantada pelo coral e orquestra com participação do fieis.

FATOS IMPORTANTES

Com o ingresso do administrador da Capela na I.C.A.B., a Paróquia de N. Sra. do Rosário por ser representante legal, ingressou na justiça com ação contra o mesmo, visando a reintegração de posse do referido Templo por julgar-se deste proprietária de fato e de direito, por meio do seu advogado Bel. José Góes da Silva (falecido), sendo esta causa ganha em primeira instância. A ação foi contestada pelo réu através de seu advogado Bel. Valdemar de Lima Cruz (falecido) que se fundamentou no fato da ilegalidade da doação, e da não existência do registro da Capela de S. Cosme e S.

Damião na Curia Metropolitana da Arquidiocese de Salvador. Por que ilegal a doação do terreno para a construção da citada Capela? – A Sra. Orna Velame Dantas esposa do Sr. Lourival Sampaio Dantas (deste separada judicialmente) obteve procuração (do esposo) com poderes para vender o terreno que se constituía patrimônio do casal, no todo ou em parte e não para doar, como o fez. A tese apresentada na referida contestação foi acolhida pelo Egrégio Tribunal de Justiça do Estado, a unanimidade dos seus membros, sendo a doação considerada nula pelo pleno direito retornando desta forma o terreno (com a respectiva benfeitoria) para o casal LOURIVAL SAMPAIO DANTAS E ORNA VELAME DANTAS, os quais por sua vez compareceram ao cartório, e na presença de testemunhas efetuaram a doação do terreno (com a respectiva Capela) a Paróquia de São Cosme e São Damião, Diocese da Cachoeira da Igreja Católica Apostólica Brasileira, onde hoje se acha edificada a Catedral dedicada a estes Santos. O que motivou o fim da questão.

As imagens de São Cosme e São Damião introduzidas na Capela de Nossa Senhora dos Remédios sob os auspícios da Srta. Eurídice Santana no dia 20 de abril de 1952 e que fora abençoadas por Pe. Joaquim Pelosi, Sacerdote Vocacionista, vigário da Paróquia de São Félix, a época respondendo pela Paróquia de Cachoeira, na citada Capela, permaneceram por dez anos sem serem cultuadas, e jamais se cogitou de celebração de Festas daqueles que elas representam. Em 1972, com a instalação da Paróquia da Igreja Católica Brasileira, para fazer concorrência, foi constituída uma comissão de Festas em honra destes Santos, a ser celebrada no mesmo dia e horários inclusive com procissão visando desta forma impedir os católicos romanos de prestigiarem e conseqüentemente tomarem parte nas festividades promovida pela Igreja dissidente. Ocorre que a hora da procissão, foram poucos os fieis que fizeram presentes e a procissão quase não pôde circular pelas ruas. A partir do ano seguinte, estas festas com expressão bem simples, passaram a se realizar em horários diferentes. A procissão a São Cosme e São Damiao, atualmente promovida pela I.C.A.B. é considerada uma das expressões religiosas de maior imponência na Cidade Heroica, quer pela beleza da sua formação, quer pelo número de fieis cada ano sempre crescente. O cortejo é sempre abrilhantado por três Filarmônicas, as duas locais e uma visitante, e o ano passado (2002), quando foi comemorado do trigésimo aniversário da instalação da Paróquia da I.C.A.B. e o quadragésimo da instalação da devoção oficial em Cachoeira, do cortejo processional, participaram quatro filarmônicas, a saber: Lira Ceciliana, Minerva Cachoeirana, Terpsicory Popular e Lira Candeense. – Atualmente as imagens de S.C. e

S.D. outrora veneradas na Capela dos Remédios encontra-se com as demais pertencentes ao citado Templo na Matriz de N. S. do Rosário, pois atualmente a referida Capela entrou em estado de profundo abandono.

É bom salientar que nem mesmo a transferência das festas de São Félix padroeiro da vizinha cidade que tem o seu nome, pelo Pe. Luís quando vigário, do mês de novembro para o mês de setembro, justamente no último domingo a partir do ano de 1973, com a intenção de prejudicar ou impedir o brilhantismo das festividades dos Mártires Santos sobre a égide da I.C.A.B. surtiu nenhum efeito positivo, já que para os fieis, o importante é homenagear São Cosme e São Damiao, sem levar em conta a denominação que esteja a promover o seu Culto tal a sua importância para o CRISTIANISMO.

ANEXO II

Benditos e cantos de São Cosme e São Damião

São Cosme mando fazer duas camisinhas azul.

No dia da festa dele São Cosme quer caruru.

Aleluia. Aleluia que nasceram dois irmãos.

Que São João batizou São Cosme e São Damião (2x).

Toda moça que tiver Dois Dois em uma nação,

Trate logo de festejar São Cosme São Damião.

Sambas de São Cosme e São Damião

Ô São Cosme me dê licença, me dê seu salão para vadiar.

Para vadiar, para vadiar... Ô me dê seu salão para vadiar.

Venha cá meus meninos eu te dou de comer...

Eu te dou de comer, eu te dou de beber (2x)

Ô São Cosme que está no altar, dê licença pra eu sambar (várias vezes)

Meu glorioso São Cosme

Que está no pé do altar

Ajuda a dona da casa que está em primeiro lugar...

Ajuda eu São Cosme! Ajuda eu São Cosme!

Ê Cosme, ê Cosme
Damião mandou chamar
Que viesse nas carreiras
Para brincar com Iemanjá

Cosme e Damião
Vem comer seu caruru
Cosme e Damião
Vem que tem caruru pra tu

São Cosme mandou fazer
Duas camisinha azul
No dia da festa dele
São Cosme quer caruru
vadeia Cosme, vadeia
Tô vadiando na areia

São Cosme São Damião
Dois meninos quer brincar
Bate palma sereia no mar
Dois Dois ele quer adiar
Dois Dois ele
brinca no mar

Cosme e Damião
Ô cadê Doum
Cosme e Damião
Vem comer seu caruru

Vadeia dois-dois
Vadeia no mar

A casa é sua Dois Dois

Eu quero ver vadiar

Vamos levantar

o Cruzeiro de Jesus

Pro céu, pro céu

Pro céu da Santa Cruz